objectos urbanos não utilizados

reciclagem visual de elementos esquecidos no espaço público

LUIS SEZÕES



U.PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arte e Design para o Espaço Público
Orientador: Professor Doutor Heitor Alvelos

PORTO, 2009

agradecimentos

Após a finalização deste projecto gostaria de agradecer à minha família; ao meu orientador Professor Doutor Heitor Alvelos; à Maria (que muito me aturou e ajudou); a Patrícia Gorriz, Teresa Pinto, Ricardo “Tota”, Rui Vieira, Ricardo Inácio, Marta Calejo, Artur Calejo e João Calejo, ao Sam, à Associação Sindical dos Juízes Portugueses, a Jorge Carvalhosa, Paula Grácio e ao Vítor (pessoas e entidades que forneceram uma ajuda fundamental na elaboração e documentação das intervenções); e, finalmente, a Leon Reid IV (um dos vários artistas internacionais contactados no início da investigação e o único que disponibilizou uma entrevista *on-line*).

resumo

A presente dissertação debruça-se sobre formas de intervir criativamente em elementos habitantes do espaço público, alargando-se ao mesmo tempo a uma preocupação cívica de “reciclagem” visual do espaço. Com isto pretende-se abrir uma ponte para uma linha de pensamento que cruza urbanismo, reciclagem material e cultura visual.

O estudo baseia-se numa série de intervenções clandestinas desenvolvidas entre Fevereiro e Maio de 2009 em diversos pontos espalhados pela cidade do Porto, que procuram reflectir uma preocupação estética sobre o aspecto visual do espaço público. Estas intervenções, desenvolvidas sobre elementos negligenciados e abandonados no espaço público, são o mote através do qual se levantam inúmeras questões e que são reflexo de teorias de autores contemporâneos que se centram em temas como propriedade e ocupação do espaço, sustentabilidade urbana, cultura e reciclagem visual, responsabilidade cívica, planeamento urbanístico e acções de guerrilha artística urbana.

O que se procura obter como resultado final é uma análise da forma como essas intervenções conseguiram ter uma função no espaço, atribuindo-lhe novas conotações através da alteração do significado de determinados elementos e como esses elementos foram aceites pela cidade e pelas entidades oficiais que regulam ou funcionam no espaço público.

abstract

This dissertion focuses on ways to interfer creatively over existing elements in public space, extending at the same time to a civic concern of “visual recycling” of the space. This is intended to open a bridge into a line of thought crossing urban design, material recycling and visual culture.

The study is based on a series of clandestine operations conducted between February and May of 2009 at various points around the city of Oporto, seeking to reflect a concern about the aesthetic visual appearance of public space. These measures, developed on neglected and abandoned elements, are the motto through which some questions arise, also reflected in some theories of contemporary authors who focus on ideas such as ownership and occupancy of space, urban sustainability, visual culture, visual recycling, civic responsability, urban planning and actions of urban guerrilla art.

What is being sought as the final result is an analysis of how these interventions succeded in developing a new function in the space, giving to it new connotations by changing the meaning of certain elements and also how those elements where accepted by the city and the authorities regulating or working in the public space.

palavras-chave

Reciclagem visual, inutilidade, espaço público, mobiliário urbano, reabilitação

índice

agradecimentos
resumo
abstract
palavras-chave

introdução.....7
capítulo 1
um olhar sobre a cidade do Porto.....10
capítulo 2
uma perspectiva sobre a cidade, o social e o mobiliário urbano.....13
capítulo 3
arte com o espaço público - intervenções a partir do já existente.....18
detalhes azuis.....18
britart.com.....19
leon reid IV and brad downey.....20
ocupações temporárias.....22
capítulo 4
o jogo, o tabuleiro e a cidade -reflexão sobre uma deriva na cidade do Porto...25
capítulo 5
descrição e análise das intervenções.....30
o rebento \|/.....30
O.U.N.U. a.k.a. Inútil pt. 2.....37
série O.U.N.U.....41
O.U.N.U. 1200x540x2000.....49
reflexão final de capítulo.....53
conclusão.....57

dados das imagens
referências
anexos

introdução

A motivação para o desenvolvimento deste trabalho de projecto foi a constatação, através de pesquisa pessoal e testemunhos de terceiros, da negligência que ocorre no espaço público e da existência de inúmeros detritos abandonados em determinadas paisagens urbanas, sendo que a cidade do Porto não é excepção. Após algumas derivas pela cidade verifica-se com facilidade que são muitos os elementos que acabam esquecidos na via pública, devido a mudanças a vários níveis na cidade, e que deixaram há muito de desempenhar qualquer função no espaço. Começando com as quantidades de lixo encontradas em vários pontos da cidade, passando por mobiliário urbano negligenciado e acabando no enorme número de edifícios devolutos e abandonados (muitos em elevado grau de decomposição), são muitos os factores que podem dar a qualquer cidade uma imagem mal cuidada.

Com isto surgiu a intenção de desenvolver trabalho relacionado com estes objectos negligenciados que, quer se queira quer não, fazem parte da paisagem e do espaço público em que se vive. As intervenções têm então o objectivo de despertar um diferente olhar sobre esses dejectos, elevando-os a um outro nível que não o de material sem função e dando-lhes nova vida.

Ao longo do estudo vai-se descrever e analisar as intervenções desenvolvidas, abordando conceitos teóricos que sejam implícitos a estas, de forma a suportar os actos. Evitar-se-á reescrever teorias já apresentadas noutros trabalhos de índole mais teórica, utilizando as intervenções como mera ilustração desses conceitos. Procura-se sim tentar abordar da forma mais objectiva e pragmática possível o desenvolvimento de um projecto de cariz artístico, activista e experimental que joga directamente com elementos já existentes no espaço público, na tentativa de uma reconfiguração estética, fazendo com que os elementos se destaquem da restante paisagem urbana, através de uma apropriação visual. Pretende-se torná-los catalizadores para um convite a um entendimento alternativo do espaço que habitam assim como deles próprios. Não será portanto um estudo acerca de teoria e crítica artística, social ou urbanística, mas sim uma análise de processos de intervir na cidade,

dando um exemplo de como se pode estimular uma relação percepcional com o lugar através da possibilidade de uma acção criativa sobre certos objectos que são pouco mais que volumes na rua. Tenta-se assim sugerir um redesenhar da forma como se usa e habita a cidade através de um debruçar crítico sobre elementos comuns e negligenciados no espaço público. Esta valorização de objectos comuns através de intervenções que sugerem narrativas não usuais procura assim, como já se referiu, jogar com uma reavaliação da forma como a cidade é usufruída e aproveitada. O termo "joga" é bastante importante dentro deste contexto pois é basicamente nisso que as intervenções desenvolvidas se baseiam. Num jogo entre conceito, percepção, identidade e função, através do qual se procura repensar as experiências urbanas quotidianas, sendo esta a motivação principal para o envolvimento criativo que se procura ter com a cidade.

> *Playing means taking possession of the physical and social city in unexpected and creative ways. If, as Aldo van Eyck has observed, "imagination… is the prime detector of change," we cannot help but notice how great a change is in the works.* (ZARDINI, 2008:16)

O presente documento é assim a componente escrita de um trabalho de projecto para a obtenção de grau de Mestre em Arte e Design Para o Espaço Público, complementada pela parte prática na qual foram desenvolvidas as intervenções no espaço público da cidade do Porto, caracterizadas por uma certa efemeridade e documentadas em suporte fotográfico e vídeo (incluído num DVD em anexo), e também por uma instalação apresentada na exposição final do Mestrado em Arte e Design Para o Espaço Público 07/09 no Museu da Faculdade de Belas-Artes do Porto e que aborda um dos conceitos explorados na investigação. Esta componente escrita contém uma descrição das intervenções realizadas, seguida de uma análise cruzada com conceitos teóricos. Na conclusão irão ser propostos caminhos futuros que podem ser seguidos tendo por base estas experiências, que têm na sua génese a potencialidade de serem encaradas como instigador para uma abertura de horizontes na forma como a sociedade se relaciona com o espaço que a acolhe.



fig.1- Exemplo de espaço abandonado na cidade do Porto
Fotografia de Maria Côrte-Real, 2008

capítulo 1
um olhar sobre a cidade do Porto

Muitas vezes a cidade do Porto é encarada como uma cidade "suja", austera e com traços de abandono a vários níveis. Isso é algo que pode ser acentuado pela arquitectura agressiva e pelo granito cinzento. Pode-se até argumentar que a cidade não é suja, que é mesmo assim o seu aspecto, a sua identidade e que é disso que os turistas gostam nela: a pedra, o cinzento, a rudeza, os cais, as ruas estreitas e escuras… Mas apesar desses factores, dificilmente se pode negar que o centro da cidade se apresenta, de certa forma, negligenciado. Numa entrevista ao Comércio do Porto de 12 de Junho de 2005, António Guedes afirma:[1]

> *Os estrangeiros gostam muito do Porto - É a pedra, o Vinho do Porto… Até acham que o Porto tem mais carácter que Lisboa, mas notam logo as cortinas a voar nas janelas, os vidros partidos, a imundice… um aspecto de degradação total (…) O Porto é uma cidade suja, e damos uma imagem de miséria péssima.* (VINHA, 2005: 5)

Talvez aquilo que chame mais a atenção para este factor seja o elevado número de edifícios devolutos ou em condições precárias que proliferam pela zona. Um estudo um recente e que aborda o tema de uma forma criativa e interessante foi desenvolvido por Vítor Tavares em 2007, na sua dissertação "Não-Lugares Na Cidade do Porto"[2]. No segundo capítulo faz um levantamento de inúmeros locais abandonados ou em ruínas, apoiado em registos fotográficos, que testemunham de uma forma muito objectiva o estado em que se encontrava na data a cidade do Porto.

> *A 17 Abril (2006), data do primeiro percurso feito pelas ruas da cidade para obtenção dos primeiros registos digitais, a investigação mapeada começou junto à estação de Metro (S. Bento: 11h54) e de Caminho de Ferro (REFER), na Rua Mouzinho da Silveira. Identificaram-se*

(1) [N.A.] Nesta entrevista o tema principal é relativo ao estado actual do comércio vinícula em Portugal, sendo os entrevistados António e Roberto Guedes, admnistradores da Quinta da Aveleda. A citação referida foi extraída da parte da entrevista intitulada "Perdeu-se a 'Pátria do Porto' e os Portuenses Têm Medo", onde o entrevistado António Guedes apresenta o seu olhar sobre a cidade.

(2) [N.A.] Na dissertação o autor confronta os não-lugares criados por espaços abandonados na cidade com os não-lugares definidos por zonas sem identidade, como *shopping centers* ou o metropolitano da cidade, numa clara alusão ao conceito de não-lugar de Marc Augé, conceito este que aborda uma ligação entre vários tipos diferentes de espaços que, embora funcionalmente possam apresentar características distintas, na sua existência são lugares sem uma narrativa própria e sem significado para o espaço em redor o que os torna parte do mesmo campo conceptual.

> *inúmeros edifícios, na sua maioria abandonados ou simplesmente esquecidos (…) Situada mesmo no coração da Baixa da cidade, esta rua será, provavelmente, a que reúne maior número de prédios em ruínas (foram contabilizados 38) em abandono total ou parcial. No entanto, alguns destes edifícios críticos continuam a ser habitados, na sua maioria por famílias que dispõem de baixíssimos recursos económicos. Uma situação preocupante de pobreza e abandono urbanístico-social, a que a cidade chegou em apenas uma ou duas décadas.* (TAVARES, 2007:28)

Também na imprensa surgem notícias e comentários à situação em que a cidade do Porto tem vindo a pouco e pouco a chegar. Após uma pesquisa foram identificados vários artigos que visavam não só a situação das casas devolutas, mas também toda a restante imagem "suja" e abandonada da cidade. Num artigo do Jornal de Notícias de 27 de Novembro de 2006, que se foca nas suspeitas de privatização de recolha dos lixos, encontra-se uma citação do deputado Manuel Pizarro, em que afirma que o *"Porto está mais sujo do que nunca e aos fins-de-semana a situação piorou. Basta andar pela Baixa, ou subir à Sé. As ruas do Centro Histórico estão ao abandono"* (VITORINO, 2006:20)

Até no site da Câmara Municipal do Porto se encontram queixas ao estado da cidade. Nos comentários à notícia "Porto Com Recolha de Lixo Durante Todo o Fim-de-Semana", publicada a 30 de Novembro de 2007, encontra-se o seguinte comentário:

> *É uma cidade suja, logo "porca", há lixo por todo o lado, jardins abandonados (Marquês, Campo 24 Agosto, S.Lázaro e tantos outros...), há prédios em ruínas, lojas abandonadas, paredes cheias de "rabiscos" de mau gosto, cheiro a "xixi" por muitos cantos (…) não tenhamos dúvidas que estamos a contribuir para o caos e fazer do Porto uma das cidades mais sujas da Europa. Façam qualquer coisa rapidamente, tal como fiscalizam os estacionamentos, fiscalizem também esta lixeirada, sensibilizem, multem, chamem à atenção, mas por favor não nos deixem recuar aos tempos da idade média.* [3]

Todos estes documentos apresentados situam-se entre 2005 e 2007. No entanto a insatisfação com o aspecto da cidade mantém-se. Isso pode ser

(3) Este comentário foi publicado a 4 de Dezembro de 2007, e assinado com o pseudónimo MANUEL1962, como resposta à notícia "Porto Com Recolha de Lixo Durante Todo o Fim-de-Semana", de 30 de Novembro de 2007 disponível no site da Câmara Municipal do Porto na secção Notícias/Ambiente. Consulta através do link <http://www.cm-porto.pt/gen.pl?fokey=cmp.stories/8006&op=view&p=stories> em 28 de Abril de 2009.

constatado tendo em conta que, em Março de 2009, uma iniciativa da Associação dos Bares da Zona Histórica do Porto (ABZHP) desafia a população a participar na limpeza da baixa, prevendo assim postos de trabalho para moradores desempregados. Na notícia do JPN de 26 de Março de 2009 são apresentadas opiniões de moradores que louvam esta ideia.

> *Certo é que a iniciativa aparece agradar aos moradores da Baixa. Ao JPN, Germano Silva fala numa "medida acertada e justa. Colocar gente que está desempregada a limpar as ruas, pagando-lhes, é louvável", acrescenta. Insatisfeito com a "falta de limpeza na cidade", o morador dá voz às críticas: "A cidade do Porto nunca esteve tão suja como está agora".* (SILVA, 2009)

A medida acabou por entrar em vigor, tendo em conta a notícia do jornal de Notícias de 2 de Maio de 2009, onde um artigo relata a oportunidade dada pela ABZHP a portuenses desempregados há algum tempo. Essa oportunidade surgiu exactamente da iniciativa sugerida para criar postos de trabalho através da limpeza da baixa da cidade. Uma citação de António Fonseca, Presidente da ABZHP, demonstra as intenções do programa:

> *"Não é uma tarefa fácil. Requer alguma aprendizagem e não vai notar-se grandes diferenças de um dia para o outro. Uma das nossas preocupações foi dar oportunidade a desempregados da freguesia e foi isso que fizemos", sustenta o presidente da Associação de Bares da Zona Histórica do Porto. "A partir daqui, estão criadas as condições para esta experiência servir de modelo a outras zonas do Porto ou mesmo do país", entende. A sua expectativa é conseguir manter a Ribeira mais limpa e, envolvendo pessoas que nasceram e moram em São Nicolau, acredita que criar-se-á uma empatia que levará os moradores e os comerciantes da zona a agirem com maior civismo: "É importante que a comunidade local abrace este projecto".* (LUZ, 2009)

Através destes testemunhos pode-se constatar e afirmar que o Porto, especialmente o seu centro, é encarado como um lugar abandonado, com traços de negligência a vários níveis. A cidade encontra-se "mal-encarada", começando na fraca limpeza das ruas até ao elevado número de edifícios degradados, passando por mobiliário urbano completamente dado ao abandono.

Como poderá então desenvolver-se um projecto de intervenção no espaço público, que contribua para alterar esta situação? De que forma se

poderá jogar com a sensibilidade dos transeuntes, alertando-os para o abandono encontrado nas ruas? Como dignificar e tentar "reciclar visualmente" o espaço público do Porto e os seus elementos negligenciados, destacando-os da paisagem e convidando a uma reflexão crítica sobre o rumo que se está a dar ao lugar?



fig.2 - A actual negligência no espaço público do Porto:
objectos abandonados e instalações temporárias que se tornam permanentes

capítulo 2

uma perspectiva sobre a cidade, o social e o mobiliário urbano

Qualquer cidade se encontra, mais ou menos da mesma forma, apetrechada por diversos elementos que possibilitam interacção com o espaço e melhoria da forma como se usufrui deste. Conhecidos como parte do "mobiliário urbano", esses elementos criam uma ligação entre a cidade e a forma como é usufruída pelos cidadãos. Exemplos deste grupo são caixotes do lixo, bancos de repouso, candeeiros, placas indicativas e ordenadoras de fluxo pedonal ou automóvel e outros tantos que se encontram no espaço com a finalidade de serem utilizados por quem usa esse espaço.

> *Em suma, designamos por mobiliário urbano, todos os objectos ou equipamentos de pequena escala, instalados ou apoiados no espaço público que permitem um uso, prestam um serviço ou apoiam uma actividade.* (CENTRO PORTUGUÊS DO DESIGN, 2005:24)

O acto de mobilar a cidade tem-se vindo a alterar ao longo dos tempos e só se começou a valorizar como forma de melhorar a cidade a partir da segunda metade do século XIX com as inovações industriais e novos serviços e estilos de vida. Vários objectos começam a proliferar pelo espaço público, possuidores de uma função que pretende melhorar a forma com se interage com a cidade. Esses objectos também são como que testemunhas da modernização social, provas das diversas alterações que foram surgindo ao longo dos tempos nos sistemas económicos, sociais e políticos. Um exemplo é a industrialização que se referiu ter explodido durante o século XIX e que trouxe novas possibilidades assim como novas necessidades a nível do espaço público.

> *Desde metade do séc.XIX até metade so séc.XX assistimos a um processo sistemático de "mobilar e equipar" o espaço público, ao qual podemos chamar fase de normalização da paisagem urbana.*
> *Com indiferença das formas concretas, o desenho da cidade, supõe a utilização de determinados elementos "móveis" - mobiliário, para satisfazer as necessidades dos cidadãos, seja numa cidade de província seja numa grande capital, seja na Europa ou na América Latina.* (CENTRO PORTUGUÊS DO DESIGN, 2005:34)

Estas “necessidades dos cidadãos” surgem com novos serviços urbanos ou com a tentativa de melhorar outros já existentes, como redes de distribuição de energia, água, transporte público e telecomunicações. É aqui que o mobiliário urbano pode ser encarado como um elemento arqueológico, como algo que espelha as necessidades e a organização da sociedade da altura. A modificação dos elementos que habitam a rua ou o aparecimento de outros demonstram a forma como o espaço público é utilizado e as novas necessidades que vão surgindo neste.

No entanto, apesar de começarem a multiplicar-se pela urbe e a ser vulgar a sua presença, a colocação destes elementos não é arbitrária. Eles surgem pela acção de entidades oficias que regulam ou operam no espaço público e sofrem regulamentação antes de lá serem colocados. Esta regulamentação (no caso da cidade do Porto é o *Código Regulamentar do Município do Porto*) varia de autarquia para autarquia e descreve como os objectos devem ser colocados, mantidos e retirados. Retirados porque, se surgem com o propósito de servirem para melhorar a actividade no espaço público e de desempenharem uma função, seria lógico que, quando deixassem de desempenhar essa função, fossem eliminados do espaço e, numa perspectiva sustentável, reciclados ou recolocados noutra zona onde fossem úteis. O acto de retirar o elemento do espaço público deveria ser da responsabilidade da entidade oficial também responsável pela sua colocação. A mesma entidade estaria também encarregada de aspectos como o conforto e a segurança aplicados à interacção com os possíveis utilizadores[4]. No entanto tem que existir uma articulação entre autarquia e os restantes intervenientes que regulam e/ou se relacionam com o espaço público, de forma a conseguir uma melhor gestão do espaço.

> *No contexto da actividade camarária existem diversos departamentos ou pelouros, que podem actuar sobre o centro histórico (urbanismo, via pública, limpeza, transportes, etc.) e ao mesmo tempo existem diversos intervenientes que, pelas regulações administrativas, intervêm pontualmente sobre o espaço público e o mobiliário urbano. Estes diferentes intervenientes, telecomunicações, correios, infra-estruturas*

(4) Cf. *Do Projecto ao Objecto*. Consultar, por exemplo, a pág.64 (onde se referem as regras de instalação e manutenção de contentores de resíduos sólidos urbanos e se declara a sua manutenção como responsabilidade do município) e a pág.67 (referente às regras para cabines telefónicas, da responsabilidade das respectivas companhias). Confrontando as duas páginas facilmente se podem notar as diferenças entre as regras para os dois tipos de elementos, assim como as distintas entidades responsáveis.

> *subterrâneas, etc. regem-se, no geral, por regras internas e encontram-se limitadas por competências restritas, sem ligação directa com os outros actores que actuam no espaço público. Sendo assim, é urgente tornar operativa uma articulação entre os vários agentes envolvidos ao nível do projecto, fornecimento, implantação e manutenção de mobiliário urbano no espaço público.* (CENTRO PORTUGUÊS DO DESIGN, 2005:41)

Essa gestão do espaço define-se não só pelas regras a cumprir no desenho e instalação de mobiliário urbano, mas também na organização e limpeza visual deste, gerindo o seu aspecto e tendo em conta uma correcta remoção de elementos supérfluos. Uma cidade baseia-se em grande parte na sua malha e nas relações sobre esta entre cidadãos e entre estes e o espaço. Talvez essas relações se desenrolem de uma forma mais fluida quando a zona onde elas ocorrem se encontra livre de objectos supérfluos, de forma a abrir mais oportunidades para o uso do espaço e quando cada um destes elementos desempenham uma função adequada.

Assim pode-se entender que, independentemente da utilidade ou localização na rua e se esta é bem ou mal aceite pela população, existe sempre o pressuposto de que o objecto que ocupa o espaço o está a ocupar para uma qualquer função. Candeeiros servem para iluminar a rua no período nocturno, bancos para se repousar, caixotes do lixo para evitar que dejectos se acumulem nos passeios, etc.

Porém, isto nem sempre ocorre. Existem no espaço elementos que já não ocupam qualquer função. Ocupam uma área, mas não estão lá com qualquer propósito, mesmo que já o tenham desempenhado anteriormente. Este facto vai ser abordado mais adiante, no capítulo 4.







figs. 3 a 5 - Alguns exemplos de mobiliário urbano actual

capítulo 3

arte com o espaço público
intervenções a partir do já existente

Com a colocação do problema e já com uma noção do território onde se irá operar, surgiu a necessidade de investigar acerca do que já foi feito neste âmbito conceptual ou, pelo menos, analisar intervenções que se cruzem com este.

Ao longo de uma extensa pesquisa foram surgindo bastantes artistas e actos de intervir no espaço, que se relacionavam, uns mais outros menos, com aquilo que se procurava fazer. De todos esses actos de intervir foram seleccionados quatro projectos que, encarados como os mais relevantes para a dissertação, são apresentados de seguida neste capítulo.

detalhes azuis



fig.6 - *Blue Details*

Actions What You Can Do With The City, foi um exposição apresentada pelo Canadian Centre for Architecture (CCA) entre 26 de Novembro de 2008 e 19 de Abril de 2009 e cuja equipa curatorial foi chefiada por Giovanna Borasi (curadora de arquitectura contemporânea do CCA) e por Mirko Zardini (director e curador-chefe do CCA). Foram apresentadas 99 acções que cujo objectivo foi sugerir novas formas positivas de olhar e usar a cidade contemporânea. Através dessas acções surgem interacções alternativas entre a pessoa e o ambiente que podem ser potenciais ferramentas para uma nova moldagem da cidade. Os projectos apresentados são fruto do trabalho de artistas,

engenheiros, *designers*, arquitectos, estudantes e comuns cidadãos.

Paralelamente à exposição, foi colocado *on-line* um *site* no endereço <*cca-actions.org*> que alberga descrições dos projectos expostos ao mesmo tempo que abre a possibilidade para outros actores apresentarem as suas ideias para a cidade. Uma das ideias apresentadas foi a proposta desenvolvida por Hattie Stroud em Ann Arbor, Michigan, e baptizada de "Blue Details". A intervenção baseia-se na pintura de pormenores existentes no espaço público numa única cor (azul) dando-lhes assim a possibilidade de serem mais facilmente assimilados por quem passa na zona. Pequenos relevos metálicos, solitários pedaços de correntes, e outros pequenos elementos com potencial para desenvolver uma narrativa poética que se torna esteticamente interessante, são assim libertados de uma certa "camuflagem", que os torna em algo dissimulado, para viverem visualmente no espaço.

No site da exposição encontra-se a seguinte descrição do projecto:

> *This piece documents an artistic intervention along a street in Ann Arbor. By painting details blue, the work called attention to them. A simple measure taken to help people notice what is around them every day.* [5]

britart.com



fig.7 - Exemplos da campanha de *marketing* da galeria *Britart.Com*

A agência de design *Mother* desenvolveu, no ano 2000, uma campanha de *marketing* para a galeria *online* britânica *Britart.com*, na qual se apoderou da

(5) Descrição do projecto disponível no site da exposição *Actions - What You Can Do With the City*, e consultada através do *link* <http://cca-actions.org/actions/blue-details> em 23 de Janeiro de 2009

imagem dos elementos urbanos, conferindo-lhes uma dimensão estética. Através da aplicação de pequenos *posters* junto aos objectos estes eram declarados como possíveis objectos artísticos, ao mesmo tempo que se fazia publicidade à galeria.[6] Cruzando um certo conceito de *ready-made* com a filosofia do *graffiti*, a acção ganhou o prémio *D&D Gold Award* em 2001.

Esta campanha de *marketing* foi abordada por Heitor Alvelos ao escrever sobre a forma como a publicidade se tem vindo a relacionar a pouco e pouco com o *graffiti*, interagindo com o espaço público em territórios conceptuais semelhantes.

> *Despite subsequently winning the* D&D Gold Award *for best advertising campaign in 2001, hailed as a landmark in ambient advertising, this campaign was formally and aesthetically quite conservative. It was made up of posters, very plain in their layout, which looked like gallery captions for works of art. What created the spark in these posters was that the 'works of art' they refered to were the actual surfaces they were pasted on - street pavements, handrails, lampposts, and weathered public walls.*
>
> *By presenting these public surfaces as artworks,* britart.com *effectively accomplished two things. Firstly, it reclaimed an authenticity for this discourse, by displaying knowledge of the particular spaces it occupied. Secondly, it proclaimed the very opposite, that the authentic is not possible, since all public territories are subject to a ready-made process of instant 'museumification'.* (ALVELOS, 2003:195)

leon reid IV & brad downey

Leon Reid IV (também conhecido pelo pseudónimo Darius Jones) e Brad Downey são dois artistas norte-americanos que começaram a trabalhar em conjunto nos finais dos anos 90 e que utilizam o espaço público como suporte para as suas intervenções. Porém, o trabalho da dupla não se limita a colocar objectos no espaço, mas sim a interagir directamente com a sua aparência, configuração e regras. As suas peças criam perturbações na forma como se olha o espaço público, através da subversão de elementos que governam a interacção entre cidadãos e cidade.

(6) Descrição da acção publicada em 26 de Julho de 2006 no blog *Invisiblered* e consultada através do *link* <http://invisiblered.blogspot.com/2006_07_01_archive.html> em 23 de Janeiro de 2009.

Talvez as mais interessantes obras dos dois artistas, e também as que lhes deram mais visibilidade, sejam as que se apropriam da cultura visual urbana oficial, presente em sinais de trânsito e mobiliário urbano, sendo esta depois subvertida e colocada no espaço em confronto com a oficial. Acerca do trabalho dos dois artistas, Jennifer Thatcher escreveu:

> *In their concern for encouraging fresh perceptions of our tired cities, Darius and Downey certainly share the Situationist mission of reintroducing more playful and spontaneous possibilities into the urban environment. And, as with the Situationists, their work rewards the roving eye of the casual passerby, that rare figure with the leisure to interrupt, for even a brief moment, the patterns of learned behavior to look beyond the expected motifs of urban iconography. But where the Situacionists felt mostly disdain or pity for the poor commuter or privileged motorist, Darius and Downey's work lies in wait to try and catch their gaze. (…)coming across their work generates an unexpectedly private moment in a public space - a secret, shared moment with an anonymous creator who is trying to communicate with you, not in order to sell you something or to stop you from doing something, but to remind you that the city belongs to you, however little it feels that way.* (TATCHER: 2007, 255)

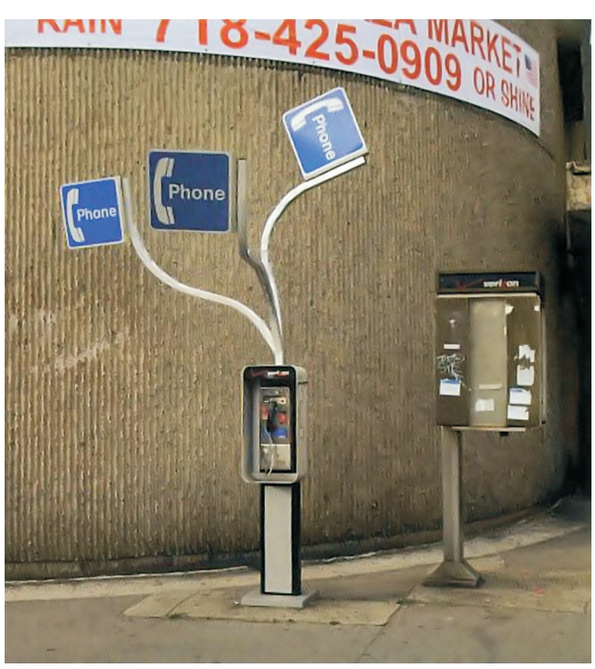


fig.8 - *David Vs. Goliath,* instalação de
Brad Downey em Nova Iorque, 2006
Fotografia de Tod Seelie

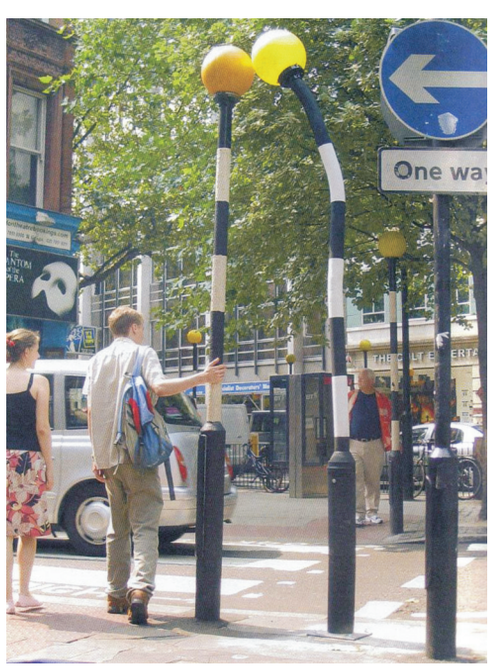


fig.9 - *The Kiss,* instalação de
Darius Jones (Leon Reid IV) em Londres, 2004
Fotografia de Ed Zipco

O trabalho de Alex Villar, artista brasileiro, assenta nas relações entre o corpo humano e a arquitectura. As suas performances, registadas em vídeo e fotografia, apresentam o artista colocando o seu próprio corpo em tensão com o espaço público e as suas estruturas, quase como que criando uma simbiose e uma sensação de complementaridade ao interagir com o espaço de formas não convencionais.

Ao usar um espaço que é legal, mas de uma forma que roça os contornos do ilegal, o artista sugere relações com a arquitectura baseadas num comportamento aparentemente irracional na ocupação e vivência dos espaços. As séries que desenvolve, ao não mostrarem a forma convencional de uso dos espaços, apontam para o que se pode chamar de não-espaços, ou seja, espaços de intervalo que não têm função aparente, que são como o contrário do espaço de acção que os circula e delimita. São aquilo que podem ser encaradas como as "sobras" do espaço útil, produzindo um espaço inútil. Ao relacionar-se com esses espaços neutros de actividade o artista torna perceptível o seu potencial dentro do restante conjunto espacial. E quando ocupa com o seu próprio corpo esses espaços altera a percepção do ambiente envolvente, desenvolvendo um desvio perceptível, uma quebra na normalidade.

> *Geralmente essas actividades são realizadas perto da rua, ou na calçada, e a calçada é esse espaçozinho público que divide a rua. A fachada é a fronteira entre o privado e o público. O sujeito correndo na calçada está exercendo esse limite da articulação pública, é uma expressão dessa possibilidade de exercitar a sua própria subjectividade dentro dessa área. Tento adoptar essa permissão de uma maneira cega. Corro através desses espaços tentando exercitar o meu direito. De uma maneira ou de outra, encontro momentos de interrupção nesses espaços. Ou porque tem um jardinzinho, ou porque o prédio invadiu um pouco do espaço público. Com esse meu caminhar, tento entrar em todos os pedaços públicos possíveis... Mas essa trajectória da pessoa que está fazendo* jogging *começa a se transformar em outra coisa durante esse percorrer. Começo a pular por cima dessas barreiras que estão no meu caminho, e elas começam a tornar-se maiores, tornam-se mais ambíguas e o carácter da*

performance transforma uma pessoa que está simplesmente exercitando o seu direito para uma pessoa que começa a invadir e a ultrapassar as barreiras de propriedade privada. Ou seja, a partir de uma possibilidade, de uma brecha, cria-se uma situação de desvio. Sim, é uma ideia de deriva, mas é uma ideia de deriva diferente, porque a ideia de deriva era contrapor os fluxos racionais que organizam o contexto social a partir de uma lógica boémia. A minha deriva é mais específica: ela tenta descobrir não a partir da confrontação, mas adoptando essa regra de uma maneira cega e possibilitando a interrupção e a modificação desses fluxos. Há uma diferença subtil nisso. (VILLAR, 2007)



fig.10 - Alex Villar, *Narrow Gap*, 2001

Pode-se, com estes exemplos, ter uma ideia do que se tem vindo a desenvolver por artistas e entidades contemporâneas a nível do espaço público na relação entre objectos e transeuntes no espaço. A linha comum destas acções e que as faz relacionarem-se conceptualmente umas com as outras é a capacidade de interacção com mobiliário urbano ou com elementos esquecidos e camuflados, injectando-lhes uma conotação diferente da inicial, seja pela alteração cromática, formal e estrutural do objecto (no caso de Hattie Stroud, Brad Downey ou Leon Reid IV), quer por um envolvimento mais relacionado com o conceito de *ready-made* (campanha da *Britart.com*) ou por relações não convencionais com o espaço (no caso do trabalho de Alex Villar).

Como se pode assim desenvolver um trabalho de intervenção na cidade do Porto que se relacione com a realidade actual da cidade, interagindo com os

elementos públicos existentes e que possa servir como “alarme” para alguns dos problemas urbanos da zona, descritos nos capítulos anteriores? Essa será uma questão à qual se vai tentar responder nos capítulos seguintes.

capítulo 4

o jogo, o tabuleiro e a cidade
reflexão sobre uma deriva na cidade do porto

Entende-se que as relações que se desenvolvem entre a cidade e os cidadãos são limitadas pela forma como o espaço é programado, sendo a configuração deste um reflexo das regras e acções que se pretende que sejam respeitadas e tomadas nele. O acto de derivar sugerido na Teoria da Deriva apresentada por Guy Débord (publicada pela primeira vez na Revista da Internacional Situacionista em 1958) é um interessante ponto de partida para se conseguir desenvolver um olhar alternativo sobre o espaço público. Esta teoria, encarada como um texto de referência dentro do campo conceptual situacionista, sugere o desenrolar de actividades que estimulem no participante formas diferentes de encarar a cidade e desenvolver acções nesta. Estas sugestões desenvolvem-se a partir de uma certa tentativa de subversão dos modos de agir considerados "normais" dentro do espaço público, como forma de quebrar barreiras invisíveis de comportamento. É a partir de uma análise situacionista das ruas da cidade (em particular da cidade do Porto, onde foi desenvolvida a deriva) e das relações que as povoam que se criou uma metáfora entre tabuleiro de jogo/rua, transeuntes/jogadores e mobiliário urbano/peças do jogo.

Consequentemente descobrem-se situações em que essa metáfora não pode ser aplicada e que acabam por se afirmar como nichos onde se pode agir criativamente sobre o jogo, subvertendo-o ligeiramente, mas sem entrar em confronto directo com as regras deste. O objectivo será saber até que ponto essas rupturas no tabuleiro de jogo serão assimiladas por este e pelos jogadores. Serão aceites de forma positiva e elas próprias criarem rupturas na forma como se encaram as regras ou serão eliminadas pelo jogo em si? Criarão elas um espírito crítico sobre os observadores?

Assim, tendo em conta o choque criado pelo olhar influenciado por uma análise situacionista sobre ambiente citadino, pode-se encarar o espaço urbano como um imenso tabuleiro de jogo onde se desenrolam acções sobre

uma matriz visual equipada com inúmeros elementos que possibilitam e delimitam a forma como se age no espaço. A maioria desses elementos desempenha uma função que orienta as acções que podem ser tomadas pelo indivíduo (ou "jogador") sobre o espaço público (ou "tabuleiro-rua"). Mobiliário e sinalética urbanos que indicam direcções a tomar assim como onde e quando as tomar, como semáforos, passadeiras, placas indicadoras de transportes públicos, vias para bicicletas ou automóveis partilham a área urbana com outros elementos que desempenham funções distintas, como cabines telefónicas, candeeiros, bancos públicos, bebedouros, monumentos, corrimões, marcos do correio ou caixotes do lixo. Todos estes elementos fazem parte de um sistema de relações que são desenvolvidas entre os "jogadores" e o "tabuleiro-rua", relações essas que se vão alterando consoante as necessidades das doutrinas sociais, políticas ou económicas vigentes. Tudo isso acaba por ter que responder em simultâneo à soberania do "sistema" que define as regras e os elementos artificiais a serem colocados no espaço para serem utilizados pelos jogadores. Destruir estes elementos, ou alterar-lhes o funcionamento supõe um ataque ao jogo em si, assim como um desrespeito pelos restantes jogadores que pretendem utilizar esses objectos para as suas próximas acções.

Essa dependência de sinais e ordenação do espaço público foi abordada por Paulo Freire no livro *Ação Cultural Para a Liberdade*:

> *Nestas sociedades, em que tudo ou quase tudo é pré-fabricado e o comportamento é quase automatizado, os indivíduos "se perdem" porque não têm de "arriscar-se". Não têm de pensar em torno das coisas mais insignificantes; há sempre um manual que diz o que deve ser feito na situação "A" ou na situação "B". Raramente se faz necessário parar na esquina de uma rua para pensar em que direção seguir. Há sempre uma flecha que desproblematiza a situação.*
>
> *Mesmo que as indicações nas ruas não sejam um mal em si e que sejam necessárias em cidades cosmopolitas, elas são, porém, uma amostra, entre milhares de outros sinais direcionais que, introjetados, obstaculizam a capacidade de pensar criticamente.* (FREIRE, 1981:68)

Mas chega-se a um ponto no qual, por muito que se tente manter a metáfora mundo real/tabuleiro de jogo, se encaram situações em que esta não se aplica. Se condições como objectivos limitados, caminhos pré-definidos, truques para passar à frente, vitória obtida pela sorte ou pelo azar são situações

que se podem discutir se serão análogas tanto à vida real como a um jogo ficcional (não será à toa que muitos jogos de tabuleiro são inspirados na vida real como, por exemplo, o jogo Monopólio, que simula o mundo da economia imobiliária) existem outras situações que se encontram apenas no "tabuleiro-rua" da vida real. Um exemplo é o facto de que num tabuleiro de jogo todas as peças são fundamentais para o jogo, tendo todas uma função, não se podendo jogar com peças a mais nem com peças a menos, na maior parte das vezes. Todas são indispensáveis. Ora, no "tabuleiro-rua" isso não sucede. É verdade que a maior parte dos elementos colocados na rua têm uma função a desempenhar para o equilíbrio e bom funcionamento do jogo, ao ponto de se perderem pontos se esses elementos forem atacados, destruídos ou desrespeitados. Alguém que destrua um caixote do lixo ou desrespeite um sinal está a praticar um acto de vandalismo ou a colocar a vida de outros em risco, devido ao facto de todos aceitarem as regras como algo superior e esperam que todos os outros também as aceitem, acabando o prevaricador por ter que pagar uma multa ao jogo ou pior, ser preso e afastado, perdendo por completo o direito de jogar.

Porém apesar da maioria dos elementos serem necessários, existem muitos outros que não desempenham uma função no tabuleiro. São objectos mortos, inutilizados. Foram colocados previamente no espaço público por alguma entidade superior que ganhou pontos suficientes para poder agir directamente sobre o tabuleiro, sendo que pelas regras do jogo lhe foi oficialmente permitido colocar elementos com os quais outros jogadores possam interagir e assim criar novos objectivos ou facilidades na forma como se joga. No entanto a função de alguns desses elementos torna-se obsoleta, à medida que certos objectivos desaparecem ou são alterados, dando lugar a mobiliário urbano abandonado, destruído, ignorado, inutilizado e por vezes incomodativo que acaba por nunca sair do tabuleiro. E, segundo as regras, embora o acto de retirar o elemento da paisagem para que o jogo continue fluído seja da responsabilidade da mesma entidade que o colocou, isso não acontece muitas das vezes. É assim que nascem no "tabuleiro-rua" peças que já não desempenham nenhuma função. Se antigamente estavam debaixo da alçada de uma regra que obrigava a que nenhum jogador destruísse ou

alterasse esse elemento pois desempenhava uma função dentro do jogo, agora acabam apenas sob a forma de algo que pertence a alguém com pontos suficientes para os colocar lá e acabaram abandonados, sem função aparente. A única regra que os protegeria seria o facto de serem propriedade privada, embora desempenhassem uma função pública no terreno pois, ao se tornarem algo sem função, deixam de desempenhar qualquer objectivo no jogo, não estando sob as regras supremas, sendo apenas um objecto privado. Mas um objecto privado abandonado em espaço público e aparentemente sem função alguma deixa de ter o direito a ser considerado propriedade de alguém, ainda para mais quando existe uma regra implícita no bom senso comum que diz que nenhum jogador deve abandonar detritos ao longo do tabuleiro.

Segundo esta linha de pensamento metafórica, sugerem-se dois destinos possíveis para o mobiliário abandonado que se encontra no espaço público: mantém-se onde está, na sua forma habitual, degradando-se dia após dia, e tornando-se numa ruína urbana, ou pode intervir-se directamente de uma forma criativa sobre ele, dando-lhe um novo significado e uma nova função no espaço: a de provocar um estímulo visual novo no ambiente circundante, de forma a apresentar a uma nova perspectiva sobre o "tabuleiro-rua". Dificilmente se poderá negar que a segunda será a opção mais interessante do ponto de vista artístico.

É assim que o mobiliário abandonado se torna terreno fértil para a criatividade de quem procura desenvolver acções que alterem fisicamente o tabuleiro. Ao dar novo significado aos elementos que, após terminadas as suas funções no jogo, dificilmente são abarcados pelas regras, pode-se subtilmente sugerir uma alteração nestas. Isto porque se o tabuleiro é a matriz sobre a qual as relações acontecem, relações estas que são resultado da aplicação das regras do jogo, ao se alterar elementos no tabuleiro está-se a sugerir um jogo dentro do próprio jogo, que é o criar novas relações entre o indivíduo e o ambiente, que sejam diferentes das habituais.







figs.11 a 13 - Exemplos de mobiliário urbano inutilizado

capítulo 5
descrição e análise das intervenções

Começou em Fevereiro com uma deriva pela cidade. Existiu a tentativa de desligar todos os preconceitos que já existiam acerca das relações entre os utilizadores do espaço e o espaço em si para que a investigação interpretar as ruas como se fosse a primeira vez a estar nelas.

Rapidamente começou a haver uma percepção de certas coisas que nunca tinham sido notadas antes. Principalmente o fluxo das pessoas na rua, a forma como interagiam com os elementos estáticos lá presentes e como estes últimos coordenavam a forma como se age dentro do espaço público. Sinais de trânsito, tabuletas, passadeiras, corrimões, candeeiros que iluminam zonas e lançam sombras sobre outras. Parecia que tudo tinha uma função no espaço. Andar pela rua era como se fosse um jogo e as regras eram ditadas pelos elementos lá colocados que indicavam a melhor forma de jogar. O mobiliário urbano começou a ser encarado como algo tão importante como certas leis abstractas.

De repente, de todo o tabuleiro, começaram a saltar à vista elementos que não desempenhavam qualquer função no espaço mas que porém ocupavam um lugar neste. Desde elementos tão imponentes como edifícios devolutos, a outros que habitam uma escala menor, como caixotes do lixo queimados e inutilizados, postes sem função aparente até cabines telefónicas sem telefone. Estes objectos espelham uma imagem de solidão e abandono enquanto se mantêm à parte do fluxo utilitário da cidade. Tornam-se quase invisíveis, pois devido à sua inutilidade deixam de ser completamente perceptíveis a uma grande parte dos transeuntes. No entanto, habitam o mesmo espaço que todos os outros. A sua presença demonstra que à medida que a cidade se vai desenvolvendo, não é capaz de acompanhar as suas próprias evoluções e há coisas que vão sendo deixadas para trás.

o rebento \|/

Numa dessas derivas pela cidade a investigação deparou-se com algo que chamou a atenção. Perto do Mercado do Bolhão, uma amálgama de metal

elevava-se do solo. Ao início não se teve uma percepção correcta do que era. Apenas se vislumbraram três tiras distintas de alumínio que se erguiam para o céu, em direcções diferentes, do mesmo local do solo. Com o aproximar reparou-se que era uma estrutura destruída que, quando ainda activa, indicava a entrada mais próxima para o Metropolitano do Porto através de uma caixa em vidro iluminada no seu topo. Provavelmente um automobilista mais distraído tinha conseguido que o seu carro subisse para cima do passeio e tivesse um encontro imediato com a estrutura de sinalização.

Agora já não existia caixa de vidro, nem função. Só resistiam três gestos metálicos em direcção ao céu. A forma como estava presente no espaço era bastante interessante e desenvolvia um relacionamento mais dinâmico e profundo com o espaço público que algumas peças de escultura encontradas hoje em dia neste. Ainda para mais porque parecia um rebento de metal, nascendo da calçada como uma erva daninha e criando um diálogo muito oportuno com a loja de material agrícola que se encontra nas proximidades do local onde se encontrava. A estrutura foi fotografada e a deriva continuou.

Algum tempo depois voltou-se a passar naquela zona. Para surpresa o rebento ainda lá estava. Ninguém o tinha retirado do local. Apesar de ser apenas um volume que se tornava um pouco incómodo para a circulação pedestre na zona (as tiras de metal erguiam-se em várias direcções, criando um espaço impossível de utilizar à sua volta) e de já não desempenhar qualquer função, a entidade responsável pelo objecto não se tinha ainda esforçado para o remover da via pública. Para além disso, os transeuntes passavam junto da estrutura e contornavam-na, sem olhar directamente para ela, tornando-se praticamente invisível para a maior parte das pessoas. No entanto, ocupava uma grande área na via.

Foi aqui que uma ideia surgiu, bastante importante para o decorrer da investigação: se o objecto já ali está, dado como morto, inutilizado, sem qualquer função e ninguém se interessa por ele, nem os transeuntes que utilizam o espaço nem a entidade responsável, porque não criar uma apoderação visual do elemento? Transformá-lo naquilo que pareceu na primeira vez que foi encontrado: uma escultura, uma peça de arte no espaço público. Ele próprio já parecia que estava a pedir tal dignificação, desenvolvendo gestos dinâmicos e em busca de algo mais em direcção ao céu.



fig.14 - Estrutura de sinalização do metropolitano destruída.
Fotografia obtida no dia 15 de Fevereiro de 2009

Já que o objecto estava a ocupar aquele espaço, ao menos que lhe fosse dada a devida honra, retirando-lhe a conotação de “lixo”. Tentar com isso declará-lo como algo que está ali com uma função mais nobre: a de colocar questões a quem por ali passa, surgindo como algo estranho que fizesse os transeuntes pensar.

Mas como conseguir isso? Como destacar um objecto da paisagem que o envolve, sem lhe ofuscar as formas e chamar a atenção para ele? Um olhar em redor mostrou que tudo parecia cinzento naquela zona. A Rua Formosa a subir em direcção ao Padrão que, com os seus autocarros fumarentos, se relacionava com o imponente e cinzento Mercado do Bolhão para a esquerda e até com o próprio objecto, cujo alumínio acinzentado ainda soltava um ou outro reflexo do céu. Foi então que, num olhar para a direita, surge aquilo que pareceu ser a coisa mais colorida na zona. Um robusto marco do correio marcava a sua posição com a sua fresta virada para o “rebento”. Era o que mais se destacava naquela zona, pela sua vibrante cor vermelha. Porque não pintar então a estrutura abandonada de vermelho? Esta solução simples pareceu ser a ideal na altura. Dessa forma a peça destacar-se-ia da paisagem ao mesmo tempo que, por um lado, dialogava pelas suas formas com a loja de sementes e por outro, pela sua cor, interagia com o marco de correio. Foi o que se acabou por fazer.

Na madrugada do dia 19 de Fevereiro a investigação tornou-se numa intervenção quando a estrutura recebeu uma visita, na qual se começou a acção. Limparam-se os cartazes publicitários que atormentavam a estrutura assim como restos de vidro e outros dejectos e esta começou a ser pintada de vermelho. Quando acabou houve a necessidade de um afastar para se ter uma melhor percepção da forma como a renovada peça interagia com o espaço. É impressionante a forma como um pouco de tinta pode conseguir retirar toda a conotação a um objecto. Antes de ser pintado não era mais que uma cinzenta estrutura de alumínio destruída. Agora era um vibrante conjunto de três traços vermelhos que se erguiam do solo. Já dificilmente se poderia identificar aquilo como um objecto de sinalização. Tinha-se transformado, de certa forma, em algo superior. Talvez numa obra de arte?



fig.15 - Intervenção *Rebento \|/*
Fotografia obtida em 19 de Fevereiro de 2009

Durante a tarde houve uma nova visita. Foi agradável ver o engraxador de sapatos que costuma estar na zona a utilizar a peça para se apoiar, fazendo com que esta parecesse um trono. Ao anoitecer, já sem estar a servir essa função, foram filmadas as reacções das pessoas que passavam perto dela. Houve quem lhe lançasse um olhar curioso, enquanto outros arriscavam tocar-lhe, como se tal facilitasse a percepção do que aquilo era.

Quanto tempo se aguentaria aquela nova escultura no espaço público? Antes de ser pintada já lá se encontrava há dias, sem que ninguém lhe prestasse atenção. Agora a intervenção era como uma faca de dois gumes. Se por um lado se tinha conseguido dignificar a estrutura abandonada, por outro agora seria muito mais evidente a sua presença, o que poderia fazer com que fosse retirada mais rapidamente do espaço.

Aquilo que se começou a recear foi o que acabou por acontecer. Na visita seguinte já lá só se encontrava um buraco na calçada tapado por areia. O único vestígio da presença do "rebento". Surgiu um pouco de tristeza, mas por outro lado pensou-se que provavelmente, se não se tivesse pintado, ainda hoje se encontrava ali um pedaço de alumínio sem função, a degradar-se dia após dia, espelhando solidão e abandono na paisagem. Provavelmente foi o melhor que aconteceu ao objecto. Ao menos teve o seu tempo de fama e foi eliminado do espaço de cabeça erguida e não como um outro qualquer dejecto.



fig.16 - O *Rebento* \|/ a funcionar como "trono" para o engraxador
Fotografia obtida a 19 de Fevereiro de 2009



fig.17 - Espaço vazio, após a intervenção ser retirada
Fotografia obtida a 22 de Fevereiro de 2009

Com isto levanta-se a questão da apropriação de um objecto e do espaço que ocupa. Que direito se tem para intervir sobre este elemento? Não existe nenhuma legislação oficial que diga que se pode intervir sobre algo que se encontra no espaço público só porque se encontra abandonado neste. No entanto existem direitos informais que podem ser evocados para justificar a acção. Kevin Lynch, no livro *A Boa Forma da Cidade* aborda um pouco esses direitos informais sobre a forma como se pode usar o espaço público e o que existe nele.

No capítulo *"Controlo"*, o autor aborda questões relacionadas com o controlo do espaço público e como o usufruir. Assumindo que o espaço público e a forma como se interage neste se encontram regulamentados, isso torna-se algo influente na forma como se vive e usa cidade. Lynch afirma que na cultura actual existe o controlo legal e os controlos informais, sendo que estes últimos conseguem ter também impacto na forma como se usa o espaço. Estes são regras informais e que não necessitam de estar explicitamente abordadas em qualquer legislação oficial. Fala de cinco: o direito de presença, o direito do uso e da acção, o direito de apropriação, o direito de modificação e o direito da disposição. O segundo, terceiro e quarto são os que aparentam ter mais relevância para o projecto.

> *O segundo direito é o do uso e da acção, o direito de nos comportarmos livremente num local ou de usarmos as suas instalações sem nos apropriarmos delas. Este direito pode ser restringido por certos limites explícitos ou genericamente compreendidos, ou pode ser expandido por alguma espécie de poder, de maneira a limitar os actos dos outros. Posso regulamentar de modo relativo o comportamento nos passeios, tal como o meu próprio comportamento é regulamentado.(…)*
>
> *O terceiro direito é o da apropriação. Quando a tenho, posso usar em meu benefício os recursos de um local ou utilizar as suas instalações de maneira que impeço que outros as utilizem. Se o desejar, posso espalhar cereais no passeio para os secar, ou cortar sequem, ou cortar a relva à beira do passeio para a utilizar como alimento para os animais. Num grau maior ou menor, posso monopolizar os benefícios do local.*
>
> *O quarto é o direito de modificação. Actualmente, posso mudar o local conforme considero adequado, ainda que permanentemente. Posso mesmo destruí-lo, ou evitar que outros o façam. Posso partir o pavimento para utilizar como entulho. Numa situação extrema, sou livre de fazer o que quero, independentemente das consequências*

> *externas. (…) Pode fazer-se o que se quiser como o caminho, desde que se faça em silêncio e desde que se tome em consideração que outras pessoas também quererão percorrer esse caminho no futuro.*
> (LYNCH, 1999:196,197)

Com isto entende-se que se poderá ter o direito de fazer quase tudo o que se quer no espaço, desde que não se impeça o seu uso por terceiros. Pode-se utilizar os benefícios ou os objectos de um local, desde que estes sejam públicos. Ora, um objecto abandonado na via pública torna-se automaticamente público, se apresentar um elevado grau de degradação e abandono e não tiver nada a limitar a acção sobre ele. Carros trancados e bicicletas acorrentadas a um poste, mesmo que em avançado estado de deterioração, pressupõe-se que pertencem a alguém, pois ainda existe um controlo privado sobre o objecto. Aceita-se assim a suposição de que um objecto abandonado na via pública e sem restrição de uso se torna público e não privado.

O.U.N.U. a.k.a. Inútil pt.2

Decidiu-se desta forma desenvolver, apenas e só, intervenções sobre objectos abandonados. Jogar com a sua presença inutilizada no espaço. Não foi preciso procurar muito por outro objecto na mesma situação. A poucos metros da primeira intervenção estava uma estrutura "irmã" do "rebento". A avaria da segunda peça era porém diferente. A estrutura não estava distorcida como a primeira, simplesmente lhe faltava a única coisa que a tornava funcional: a caixa em vidro que se encontrava no seu topo e que indicava a



fig.18 - exemplo de estrutura de sinalização do Metropolitano do Porto

entrada mais próxima para o metropolitano. Agora, não sendo esta peça de mobiliário urbano mais que uma caixa em alumínio no espaço, surge a possibilidade de intervir sobre ela, mas criando algo diferente da primeira. Pensou-se em algo mais subtil, visto a estrutura não estar destruída.

Ao observar o seu volume de paralelepípedo surge a recordação de um trabalho desenvolvido durante o 1º ano de mestrado onde eram identificadas áreas mortas e inutilizadas no espaço público. Depois de identificadas, medidas e analisadas essas áreas, era criado um insuflável plástico transparente à medida do espaço vazio. Esse insuflável era então colocado nesse espaço, activando-o e chamando a atenção sobre ele, mas não o ocupando materialmente, visto a peça ser composta apenas por ar enclausurado dentro de plástico.

Pensou-se que seria interessante tentar "resgatar" esse aspecto formal do plástico a conter algo inutilizado, mas agora revertendo a situação. O plástico não conteria espaço vazio inutilizado, mas sim volume material inutilizado no espaço público. Resolveu-se produzir uma capa plástica de cor branca que se adaptasse à medida da estrutura paralelepípeda.

Assim, após o objecto ser medido, fabricou-se a capa com plástico branco, à qual se reconheceu que se deveria aplicar também uma qualquer imagem gráfica, que chamasse ainda mais a atenção e a curiosidade sobre o volume. Foi então pintado um género de logótipo, num grafismo muito simples e com uma configuração circular que invocava a imagem de marca do Metropolitano do Porto. No logótipo podia ler-se "INÚTIL".

Desta forma, no dia 14 de Março de 2009, durante as primeiras horas da tarde, interviu-se na estrutura. O objecto foi "vestido" com a capa plástica, sem grandes dificuldades. Agora restava observar as reacções dos transeuntes.

Não foi preciso esperar muito para começarem a surgir olhares questionadores em direcção ao volume. Antes todos passavam por ele e ninguém lhe ligava. Agora tornava-se em algo misterioso, "inútil" e que ninguém sabia ao certo porque estava ali. Conseguiu-se apanhar em filmagem um casal de senhores idosos, em que o senhor questiona: "Que é aquilo? Quem meteu aquilo ali?"[7] Interessante notar que "aquilo" sempre ali tinha estado, mas só agora se tinha tornado visível.

(7) Situação documentada no anexo digital, no vídeo *O.U.N.U. aka Inutil pt2*



fig.19 - Série fotográfica documental
da instalação da intervenção *O.U.N.U. aka Inútil Parte 2*
Fotografias de Patrícia Gorriz, obtidas a 14 de Março de 2009



fig.20 - *O.U.N.U. aka Inútil Parte 2*

A instalação manteve a sua presença no espaço cerca de uma semana. Durante o tempo em que permaneceu no local alguém se exprimiu sobre o plástico, escrevendo a palavra “confirmo”, como que, provavelmente, a concordar com a instalação da peça e a chamada de atenção para o objecto, confirmando a efectiva compreensão deste como algo inútil (fig.21).

Pouco tempo depois de ser instalado, o plástico foi retirado e logo a seguir a estrutura também. Foi de certa forma uma missão cumprida, visto a entidade responsável pelo objecto ter acabado por fazer aquilo que lhe era devido, o limpar o espaço público de um objecto inutilizado. Decidiu-se baptizar a intervenção de “O.U.N.U. - Objecto Urbano Não Utilizado a.k.a Inútil Parte 2”, como referência à intervenção desenvolvida anteriormente com insufláveis a ocupar espaços inutilizados.



fig.21 - expressão escrita anónima sobre a intervenção *O.U.N.U. a.k.a. Inútil pt.2*



fig.22 - espaço onde se encontrava a intervenção *O.U.N.U. a.k.a. Inútil pt.2,* após esta ser retirada
Fotografia obtida no dia 26 de Março de 2009, 12 dias após a intervenção

Surge neste ponto a ideia de criar uma série coerente de intervenções sobre elementos inutilizados do espaço público, tentando que as acções que a compunham mantivessem um cariz idêntico e que todas se regessem pelas mesmas regras. Desta forma todas as partes teriam uma ligação entre si, pressupondo uma preocupação comum a todas e revelando um território conceptual perceptível e bem definido.

Com isto decidiu-se que todos os objectos sobre os quais se iria intervir seriam pintados de uma única cor, sendo escolhido o vermelho (RAL-3027), que surge como clara referência à primeira experiência e por se ter concluído que essa seria a cor que mais facilmente se destacaria no ambiente cinzento da cidade do Porto. Isto porque o vermelho possibilita uma explosão cromática que desenvolve facilmente um contraste com o espaço envolvente e também por ser conotada como a cor do "perigo", que chama a atenção para algo (não será por acaso que os sinais de trânsito mais importantes utilizam o vermelho para que o sinal se destaque com mais facilidade da paisagem).

Decidiu-se também que todas as intervenções seriam identificadas por uma legenda no espaço público, através da instalação de uma placa, similar às usadas nas galerias e museus, próximo da intervenção. Na placa seriam indicados o título e respectivo número de série, os materiais e as dimensões do objecto. Pretende-se com isto conferir aos objectos uma conotação de obra de arte, elevando-os acima daquilo que eram anteriormente, lixo urbano, facilitando a assimilação por parte dos transeuntes do conceito por trás da intervenção e criando um elo unificador entre todas as intervenções da série. Desta forma procura-se fazer o mesmo aos objectos que se fez à estrutura inicial, ao "rebento", numa tentativa de dignificar o objecto, chamando a atenção para ele e para a situação da cidade.

Não se pode aqui negar um género de "reciclagem criativa" do objecto. Esta reciclagem não é a tradicional. Não se desmonta, retira, funde ou transforma o objecto. Ao invés, o material mantém-se no mesmo espaço, com a mesma configuração formal, sendo apenas reciclada a sua função. Assim, ao agir sobre ele, o objecto ganha outro significado. Pode-se falar em reciclagem de simbologia ou conotação.

Os arquitectos Yoshiharu Tsukamoto e Momoyo Kaijima, fundadores do atelier Bow-Wow em 1992, abordam um conceito similar desenvolvido na criação do *workshop Tokyo Recycle Projects*, onde se joga com a quantidade exagerada de material que existe no ambiente de Tóquio, em contraste com os espaços arquitectónicos inutilizados e se tentam desenvolver relações alternativas entre os elementos que já habitam o local.

> *Recycling is, in essence, the discovery of a use for something that was thought to be useless. It is also a stage for the demonstration of creativity* (TSUKAMOTO, 2008:126)

> *The "quantity turned in quality" we are talking about here is not recycling in the sense of sending waste materials to a factory to return them to a raw state for transformation into new products. Rather, it is a way of taking something that exists to a different stage in its life cycle, without changing its physical state but nevertheless arriving at a different state of usefulness.* (TSUKAMOTO, 2008:130)

> *I think the pleasure of design lies in releasing everyday objects from their conventional framework.* (KAJIMA, 2008:126)

A ideia de criar uma série surge também da necessidade de explorar o centro da cidade do Porto e de conseguir ter uma visibilidade mais abrangente do projecto, intervindo em pontos distintos. Porquê escolher o centro da cidade como zona de intervenção e não outro espaço do Porto? Primeiro porque, como já foi demonstrado ao longo deste estudo, o centro da cidade tem vindo a ser abandonado com o passar do tempo aparecendo recentes projectos, como o da ABZHP, apresentado no capítulo 1, para lhe limpar a imagem. Segundo porque o centro histórico de uma cidade é a sua face e o espaço que forma a sua identidade histórica e visual.

> *Os centros urbanos são os lugares que contêm uma pluralidade de significados por excelência: atractivos para o exterior, integrantes para o interior, multi-funcionais e simbólicos, são a "diferença" mais relevante de cada cidade, a parte da mesma que pode proporcionar mais "sentido" à vida urbana, excepto quando se especializam e se homogeneízam até que todos sejam parecidos. Uns deterioram-se e convertem-se em áreas marginais, porque de dia se congestionam e de*

> *noite se esvaziam, outros recebem a marca de pobreza e de insegurança. Hoje o "centro" são os centros, a história urbana produziu diversos centros: (o histórico, o moderno ou o do século XIX, "novas centralidades",…) Na cidade metropolitana o centro - centros tendem a ser o território da cidade - o município no mínimo, que se articula mais ou menos bem com um sistema regional de cidades que constitui um tecido denso de fluxos e de lugares.* (CENTRO PORTUGUÊS DO DESIGN, 2000:79)

É assim que, bem definida a área de acção, as intervenções para esta série começaram a acontecer. Os alvos foram os objectos negligenciados e não utilizados, inseridos dentro do grupo do mobiliário urbano, que mais proliferam pelo espaço público do centro da cidade do Porto: contentores de lixo e respectivos postes de suporte e cabines telefónicas abandonadas, sem telefone.

Talvez estes últimos elementos sejam os que mais mais relevância têm dentro do contexto social e tecnológico actual. O que remete para a relação, anteriormente referida no capítulo 2, entre estes despojos urbanos e uma certa noção de "arqueologia" visto o abandono e a substituição utilitária destes elementos por outros pode servir como uma referência para a compreensão das novas formas de vida e dinâmicas sociais e comunicativas que se vão modificando ao longo dos tempos. Neste caso, está-se obviamente a referir a mudança do telefone público para o telefone móvel. A proliferação destes novos aparelhos e a democratização do seu uso fizeram com que as tradicionais cabines telefónicas começassem pouco e pouco a entrar em desuso. Entretanto, as que continuam a funcionar no espaço público começaram a ser fabricadas de acordo com novas normas para o mobiliário urbano[8]. As antigas cabines ao "estilo inglês" assim como os tradicionais "orelhões"[9] começam a encontrar-se abandonadas pela paisagem urbana. Um exemplo do fraco uso das primeiras é o facto de algumas estarem a ser utilizadas como armazém por pessoas sem abrigo, sendo o exemplo disso a cabine que se encontra na Praça da Liberdade (no final da Avenida dos Aliados no Porto, do lado oposto à Câmara Municipal). As segundas, quando abandonadas, não conseguem ter outra função que não a de um volume abandonado no espaço, como a que se

(8) Cf. CENTRO PORTUGUÊS DO DESIGN, 2007:67

(9) Expressão utilizada no Brasil e que se refere aos telefones públicos de cobertura semi-esférica.

encontra na Rua Fernandes Tomás.

No que respeita aos caixotes do lixo, estes são resultado de um fenómeno diferente. Muitos deles foram partidos ou queimados em actos irracionais de vandalismo, outros simplesmente acabaram destruídos com o uso intenso. Um facto interessante é que muitas vezes estes caixotes inutilizados, nas vezes que são efectivamente retirados do espaço, não são substituídos num curto espaço de tempo. Muitas vezes não são sequer substituídos, sendo que, desse elemento de mobiliário urbano, o único vestígio que é deixado pela cidade é o solitário poste que o segurava. É bastante comum encontrar postes vazios de função ao longo das ruas[10]. Obviamente esta questão do abandono, destruição, pouca preocupação e falta de respeito para com estes pequenos contentores de lixo que ajudam, nem que seja numa pequena percentagem, a manter limpa a cidade, se relaciona directamente com o factor "lixo na via pública", apresentado no primeiro capítulo.

A negligência no espaço público é assim encarada como algo que afecta directamente a forma como se vive nele e que provoca feridas profundas na psicologia urbana, embora a grande maioria dos usufruidores do espaço não julguem que isso seja algo que lhes diz respeito melhorar.

> *Neglect proclaims that a community has lost pride and cohesion. When outdoor space is unappealing and even frightening, residents are more likely to stay locked behind closed doors. (…) While we are encouraged to take responsibility for our private space, public space is usually the responsibility of a faceless overseer, a distant body that benevolently grants us access to pass through.(…)*
>
> *Ultimately, public space is neglected because most of us have passed responsibility for it on to someone else. (…) In most societies citizens are not expected to look after public space, beyond throwing litter into bins it is someone else's job. But so often no one does look after it, whether it is owned by a public or private body.* (REYNOLDS, 2008a:71)

Richard Reynolds, com esta declaração, confirma a suposição de que na maior parte dos cidadãos não encara a resolução destes problemas sua função e poucas vezes se consegue identificar realmente quem é o responsável pela situação, pois poderão haver coisas mais importantes para o

(10) Cf. figuras 11 e 12

estado ou as entidades responsáveis pelo espaço público tratarem. Porém, a negligência do espaço público pode-se tornar um problema grave não só ao nível físico mas também psicológico da população.

> *There are other more important civic services for the state to fund, and the neglect of public space only slowly becomes apparent. Neglect is a pernicious enemy (unless you relish it as your personal or communal call to arms) and those responsible for it are difficult to identify.* (REYNOLDS, 2008b:81)

Esse problema, que surge na falta de identificação e responsabilidade dos habitantes de uma cidade com o seu espaço público, é algo que se pode começar a tornar uma preocupação séria com o passar do tempo. Nos tempos que correm muitos poucos são aqueles que usam o espaço público para outra coisa que não seja como espaço de transição entre dois locais privados. A rua começa a ser algo deixado ao abandono e aqueles que vivem ou que agem nestes espaços são muitas vezes considerados como marginais ou pessoas que não interessam ao correcto funcionamento da socidade. Agir no espaço público tornou-se algo quase "criminoso" e "ilegal" do ponto de vista de uma psicologia colectiva que pouco a pouco se tem vindo a desenvolver. As pessoas começam a perder a sua relação com as ruas, e estas começam a transformar-se em espaços desprovidos de sentido, onde o transeunte apenas recebe informação e não a passa, não se exprimindo no local que, por excelência, devia ser usado para tal. O espaço público como local de busca de sentidos sociais, de comunicação mútua, de activa expressão pessoal e colectiva tem vindo a ser ultrapassado pelo espaço da publicidade e do controlo.

> *The deterioration of contemporary society reveals a crisis of meaning accompanied by a "decline of the individual-personal ability to do or to make." What is needed is a shift from the passivity in which we comply with what is offered up every day, to an active posture, not so much of resistance, but of a quest.* (ZARDINI, 2008:15)

Voltando às intervenções propostas, decidiu-se portanto que estes elementos negligenciados, os caixotes do lixo e as cabines, seriam os merecedores de intervenção e a deu-se início à produção da série. Como ponto de partida avançou-se com a ideia de intervir num número suficiente de objectos, de forma a conseguir uma certa visibilidade do projecto

ao longo do centro da cidade. Sendo seguidas as regras estipuladas no desenvolvimento conceptual inicial, começou-se primeiro por limpar os objectos. Foram retirados *posters* publicitários assim como a sujidade para melhor aderência da tinta e os elementos foram de seguida pintados de vermelho. Devido à localização pública destes e da possibilidade mais ou menos forte de se ser abordado por autoridades, decidiu-se que fossem pintados durante a noite, abrindo-se a excepção para uma das cabines telefónicas, a referida anteriormente e que se encontra na Rua Fernandes Tomás. Esta foi pintada de dia, visto estar próxima de um grande parque de estacionamento e de uma zona com alguma actividade nocturna. Acções estranhas durante a noite poderiam chamar demasiada atenção, talvez criando a suposição de que alguém estaria a tentar assaltar um carro, surgindo tensões não desejadas. Como tal, decidiu intervir-se sobre esta durante o dia, com a maior naturalidade possível, o que resultou bastante bem. Também a intervenção O.U.N.U. VII foi pintada durante o dia, dando lugar a um diálogo interessante com habitantes da zona, referenciado na página 51.

Após as peças estarem finalmente livre de conotações visuais, através da aplicação de uma mancha cromática uniforme, chega o momento de lhes conferir uma nova interpretação, através da aplicação da legenda identificativa impressa sobre uma superfície plástica, que descreve a peça como “O.U.N.U. Objecto Urbano Não Utilizado”, seguido do número de série, apresentado em numeração romana. Na restante legenda inclui-se também as dimensões do objecto, os materiais e a indicação da data[11]. A experiência de pintar e catalogar os elementos desenvolveu-se em duas cabines telefónicas e em cinco caixotes do lixo destruídos ou respectivos postes abandonados.

(11) Apenas a primeira intervenção da série, designada por *O.U.N.U. I,* situada na Rua da Alegria, foi legendada com uma placa diferente, sendo aplicado um *stencil* sobre um pedaço de contraplacado pintado de branco. Como este resultado não foi inteiramente satisfatório, começaram a desenvolver-se as placas com um aspecto mais “limpo” e mais facilmente identificável com uma placa de museu ou galeria.








figs.23 a 28 - Seis intervenções iniciais da série *O.U.N.U.*



fig.23 - exemplo da placa utilizada nas intervenções da série *O.U.N.U.*



fig.30 - *O.U.N.U. VII,* Rua da Bandeirinha, Porto

O.U.N.U. 1200x540x2000

Após intervir nestes sete objectos diferentes espalhados pelo centro da cidade surgiu um convite feito pela Marta Calejo, na altura a frequentar o Mestrado em Design de Imagem, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, para desenvolver algo em conjunto. A preocupação conceptual para a sua investigação, cujo título é "*Porto, Quem (Re)Desenha o Teu Âmago?*" centrava-se nas consequências sociais e económicas que surgem do elevado número de casas devolutas na cidade. O projecto que pretende desenvolver baseia-se numa série de intervenções em edifícios devolutos ou não utilizados em torno da Praça da República, no Porto. Para tal convidou artistas para intervir nos edifícios, procurando assegurar autorizações e condições logísticas para o desenvolvimento dos projectos. Um dos edifícios, pertencente à Associação Sindical dos Juízes Portugueses (ASJP), foi disponibilizado para se desenvolver sobre ele uma intervenção *O.U.N.U.*

Após alguma investigação no campo para averiguar a razão do edifício estar naquele estado não se chegou a nenhuma conclusão concreta. Em conversas informais os vizinhos queixaram-se da sujidade e da quantidade de ratos no edifício, coisas que se espalhavam facilmente para os prédios vizinhos, e houve quem alegasse que este se encontrava naquela situação por má vontade da ASJP. Porém, da parte da ASJP a explicação dada foi o facto de já terem apresentado vários projectos para reabilitação e de todos terem sido recusados por parte da Câmara Municipal do Porto[12].

Com isto pode-se imaginar as preocupações deste projecto a criarem um cruzamento com as preocupações da série *O.U.N.U.*, visto estes edifícios serem também objectos urbanos não utilizados. A possibilidade de cruzar as duas investigações poderia assim fazer surgir algo interessante.

Seguiu-se a intervenção sobre a casa procurando-se desenvolver um trabalho que introduzisse a acção sobre o edifício dentro da série *O.U.N.U.*, ou seja, tentando seguir o mais possível as mesmas regras utilizadas nas intervenções anteriores: a experiência de criar uma uniformização cromática,

(12) Informação conseguida através de uma conversa informal com Artur Calejo a 7 de Maio de 2009

através do vermelho, e da aplicação da legenda que a identificava com a restante série.

Surgiu então o primeiro problema ou, sob um certo eufemismo, um desafio. A origem deste foi o facto da ASJP ter dado autorização para o artista convidado intervir sobre a fachada do edifício, desde que, passados os três dias nos quais a intervenção iria ficar "em exposição", esta fosse deixada exactamente como estava. A explicação para tal exigência, apesar do edifício estar praticamente em ruínas, foi de que se encontravam na parede exterior azulejos bastante antigos que não deveriam ser danificados.

A pintura vermelha sobre o prédio ficou assim completamente fora de questão tendo que se pensar numa outra alternativa, que conferisse à fachada a tal uniformização cromática sem a pintar. Após ponderar sobre alternativas possíveis, chegou-se à conclusão que talvez a melhor forma de colocar a fachada vermelha seria a utilização de papel celofane dessa cor para a forrar o melhor possível. A escolha do celofane prendeu-se ao facto de este ter uma certa transparência, permitindo que, apesar de aplicado sobre o edifício, se conseguisse ver através dele os contornos das janelas, varandas e pormenores que identificam o volume como uma casa devoluta. Desta forma o material funciona como uma "velatura tridimensional", ao mesmo tempo que se tenta fugir ao "embrulhar" opaco que caracteriza a obra de Christo[13]. O primeiro problema parecia assim estar resolvido.

O segundo problema, ou desafio, foi como entrar no edifício. As portas estavam tapadas com tijolo e cimento, para não permitir a invasão do espaço e, mesmo que se conseguisse entrar para o interior, seria bastante perigoso andar lá dentro, visto o chão estar num estado de degradação bastante elevado. A intervenção teria assim que ser feita apenas por fora, o que se mostrou tarefa difícil, visto o prédio ter três andares. As soluções seriam o aluguer de uma grua, a colocação de um andaime ou, em última instância, a ajuda dos vizinhos do edifício ao lado para utilizar as suas varandas para aceder às varandas do prédio da ASJP. A primeira solução mostrou-se inviável economicamente, sendo o aluguer de uma grua bastante dispendioso. A segunda hipótese também foi posta de lado pois a colocação de um andaime no espaço público teria que ser autorizada pela Câmara Municipal do Porto com semanas de

(13) O artista búlgaro Christo desenvolveu trabalhos que consistiam no acto de procurar agir esteticamente sobre paisagens urbanas ou rurais, utilizando muitas vezes como material tecido que, em alguns casos, "embrulhava" objectos, árvores, monumentos ou edifícios.

antecedência, processo esse envolto em inúmeras burocracias etambém pago[14].

A solução que restou foi a do envolvimento dos vizinhos que, de certa forma, se tornou mais rica de uma perspectiva social, visto haver a colaboração de quem sofre quotidianamente com os problemas adjacentes ao facto de se ter um edifício devoluto como vizinho.

Entrou-se assim em contacto com os vizinho do 3º e do 2º andar que se mostraram bastante interessados com o projecto e que se disponibilizaram de imediato a ajudar no que fosse possível. Para eles, aumentar a visibilidade de um problema que os afecta diariamente e que se encontra por toda a cidade seria uma mais valia para uma possível resolução deste num futuro próximo.

Desta forma, no dia 7 de Maio de 2009, procedeu-se à aplicação da película de celofane sobre a fachada. À dificuldade de acesso ao edifício acrescentaram-se os problemas originados pelo elevado vento que surgiu no dia da instalação e a fragilidade da capa de celofane de 1200 por 540 cm, feita a partir da união de rolos de celofane com folhas de 65 por 50 cm[15]. Porém, a instalação acabou por ser conseguida assim como o aspecto visual pretendido.

A instalação esteve presente na Praça conjuntamente com outras intervenções dentro do mesmo âmbito, durante o fim-de-semana de 8 a 10 de Maio, sendo que depois disso tiveram que ser retiradas. Apesar do curto espaço de tempo em que foi possível observar o trabalho conseguiram-se resultados satisfatórios, como a constatação de que quem passava pelo local desenvolvia uma opinião crítica em relação ao que se estava a passar e porquê ou, na pior das hipóteses, parava apenas para olhar e lançar um olhar questionador.

A esta intervenção decidiu-se dar o título de *O.U.N.U.1200x540x2000*, pois as características singulares da intervenção, diferentes das restantes intervenções da série, fizeram sugerir um título que anunciasse um certo apogeu que evidenciasse a dimensão absurda da inutilidade de um espaço.

(14) Isto é interessante visto a base do projecto ser exactamente a ocupação desnecessária do espaço e a quantidade de elementos supérfluos ou negligenciados que se encontram neste. Enquanto alguns vivem no espaço como lixo e sem qualquer função, sendo da responsabilidade de entidades creditadas, outros, que se pretende que ocupem o espaço assumidamente com uma função definida e durante um período de tempo bastante curto, são alvo de máquina burocrática

(15) Pormenores do fabrico da capa assim como da sua instalação podem ser consultados no anexo digital, no vídeo *OUNU 1200x540x2000*



fig.31 - *O.U.N.U. 1200x540x2000*
Fotografia de 7 de Maio de 2009

reflexão final de capítulo

Todas as intervenções foram realizadas no centro do Porto. O *"Rebento"* e o *"O.U.N.U. a.k.a. Inútil parte 2"* viveram na Rua Formosa, em frente ao Mercado do Bolhão. O *O.U.N.U. I* foi desenvolvidona Rua do Almada; o *O.U.N.U. II* na Rua do Melo; o *O.U.N.U. III* na Rua do Dr.Alves da Veiga; o *O.U.N.U. IV* na Rua de Fernandes Tomás; o *O.U.N.U. V* na Travessa de Cedofeita; o *O.U.N.U. VI* junto ao parque de estacionamento do final da Rua Fernandes Tomás, perto do cruzamento com a Rua da Trindade; o *O.U.N.U. VII* na Rua da Bandeirinha; e, finalmente, o *O.U.N.U. 1200x540x2000* na Praça da República.

Foram as opiniões e observações das pessoas que utilizam o espaço público o que mais motivou o desenvolvimento da série. Durante a elaboração das intervenções houve a abordagem por parte de transeuntes que ficavam curiosos com o que se estava a fazer aos objectos e porquê. Após uma breve explicação, ou até através de um entendimento quase imediato do projecto, concordavam inteiramente com ele e com aquilo que ele pretendia tornar mais visível, ou seja, o estado negligenciado do centro da cidade. Destaca-se a opinião de uma senhora que habitava uma casa vizinha do *O.U.N.U. VII*, que afirmou: *"Estão sempre a icendiá-lo (…) até fica tão lindo, vermelhinho. Olhe, eu gosto tanto de vermelhinho (…) Assim é capaz da senhora ali da Junta reparar!"* [16]

Interessante também a opinião de um transeunte durante a instalação do *O.U.N.U. 1200x540x2000* que, referindo-se às recentes questões urbanísticas da cidade do Porto, desabafou: *"Já agora, se tapassem com isso aquela piscina que está à frente da Câmara Municipal (…) era engraçado… Tapar a piscina!"* [17]

Durante o espaço de tempo em que esta mesma intervenção esteve exposta outro episódio curioso ocorreu. Na primeira noite em que esta esteve instalada, um grupo de estudantes vindos de uma festa universitária que celebra a tradição académica passou junto ao espaço. Quase instintivamente e

(16) Documentado em vídeo, disponível no Anexo digital, no vídeo *O.U.N.U. VII*

(17) Documentado em vídeo, disponível no Anexo digital, no vídeo *O.U.N.U. 1200x540x2000*

apenas após uns breves segundos de observação da instalação, uma estudante dirigiu-se a esta e rasgou de forma irracional um pedaço do celofane, sem sequer se questionar por muito tempo qual seria a função deste sobre aquela fachada. Quando se foi remendar o estrago feito por uma futura "doutora", um sem-abrigo passou por perto e resmungou algo, como se estivesse a criticar o facto de alguém estar a mexer no que estava instalado na rua, pensando provavelmente que não se estaria a remendar mas sim a destruir de forma semelhante ao acto que tinha sucedido poucos minutos atrás.

Pode-se aqui encontrar uma noção diferente de respeito pelo que se encontra na rua e que varia entre aqueles que vivem nela e os que a usam apenas como zona de passagem. Se bem que uma situação pontual não é suficiente para conseguir formar uma regra, pode talvez ser suficiente para começar a surgir a possibilidade de uma reflexão sobre a forma como o espaço público é encarado pelas diferentes classes sociais.

Ao mesmo tempo será difícil não criar analogias com conceitos contemporâneos como *superuse*[18] ou *guerrilla gardening*[19].

O primeiro conceito, abordado por Ed van Hinte, Jan Jongert e Césare Peeren no livro *Superuse: Constructing New Architecture by Shortcutting Material Flows*, defende a reutilização de objectos e materiais excedentários e dispensáveis, colocando-os num novo ciclo de vida. Estes excedentes são assim aplicados a desempenhar uma nova função, dispensando a reciclagem do material para conseguir novos objectos, mas sim utilizando uma perspectiva criativa sobre como alguma coisa se pode tornar noutra de maior valor.

O segundo pela forma como encara os espaços negligenciados e abandonados na cidade como zonas de potencial, com as quais interagem através da plantação de diversos tipos de plantas. Desta forma procura-se equilibrar ecologicamente e visualmente o espaço envolvente, onde muitas vezes os espaços verdes são olhados como algo secundário pelas entidades responsáveis.

Embora interagindo com o espaço público de forma distinta o projecto que se conclui agora acaba por desenvolver um certo relacionamento com

(18) Cf. VAN HINTE; JONGERT; PEEREN, 2007 e NIEUWENHUIZEN, 2008
(19) Cf. REYNOLDS, 2008a e REYNOLDS, 2008b

estes conceitos. Por um lado pela preocupação em reutilizar o já existente, introduzindo-o num novo ciclo de vida e por outro por agir sobre algo que está negligenciado no espaço público.

Pode-se assim considerar que a série teve uma recepção positiva por parte dos habitantes da cidade, aqueles que sofrem os efeitos do estado crítico a que esta está a chegar e que são também, a par das entidades responsáveis pela organização desta, o público alvo das intervenções. Aquilo que se pretendia inicialmente, criar percepções alternativas do espaço, dignificar o abandono e possibilitar a explosão de uma opinião crítica acerca do ambiente envolvente, foi uma meta atingida. Sublinha-se que o objectivo das intervenções não foi dar uma resposta ou uma solução para um problema existente na cidade, visto o intervir sobre objectos negligenciados ou prédios devolutos não vai evitar que estes continuem a proliferar pelo espaço[20] mas sim tentar levantar questões sobre a existência destes através de experiências criativas.

(20) Das intervenções realizadas apenas as duas iniciais o “rebento” e o “O.U.N.U. aka Inútil parte 2” foram completamente retirados do espaço, até à presente data. Das restantes apenas uma parte do O.U.N.U. IV foi removida, mantendo-se o poste de suporte assim como a sua placa - e foram retiradas ou destruídas as placas de identificação do O.U.N.U. III e também do O.U.N.U. VI.



fig.32 - Mapa das intervenções desenvolvidas na cidade do Porto

conclusão

Olhando para o que foi desenvolvido resume-se este envolvimento artístico com a cidade que abordou o espectro visual do espaço público como algo que concebeu situações pontuais distintas agindo sobre objectos inutilizados. Pode-se dizer que a base da acção se encontrou dentro do domínio estético, embora procurando também agregar temas urbanísticos, sociais e políticos. Pretendeu-se acima de tudo assumir formas não comuns de intervir com a paisagem urbana, procurando outras acções que pudessem comportar uma responsabilidade cívica sobre o espaço público utilizado e que pudessem ser encaradas também como forma de activismo legítimo e positivo do utilizador sobre o espaço. Tentou-se não acrescentar muitos elementos no espaço público e, num envolvimento directo com este, estimulou-se o aparecimento de narrativas incomuns jogando apenas com o carácter visual do que já existente, subvertendo os sentidos e atribuindo novas conotações. Uma abordagem partilhada por Leon Reid IV:

> *I began to realize that I could make the environment much more expressive by manipulating what was already in the environment. The urban audiences responded much more to a manipulation or intervention with objects that were already there, like a news box or street sign, as opposed to adding something with no particular context like a tag or graffiti painting.* [21]

Após as intervenções terem sido desenvolvidas, podem ser encaradas como experiências iniciais, mostrando as mais-valias que poderão ter para a cidade. Não tanto pelo facto de conseguirem chamar atenção para os objectos inutilizados no espaço de forma a que estes sejam retirados mais depressa (acabou por se observar que apenas dois foram completamente retirados) mas sim pela possibilidade criativa que se poderá expandir e sofisticar com outras experiências posteriores. Ao agir sobre o que está negligenciado no espaço, induzindo-lhe novos significados, melhora-se o espaço público, subvertendo objectos que espelham solidão e abandono.

Isto poderá abrir caminho para um possível envolvimento legalizado

(21) Resposta de Leon Reid IV à pergunta “What motivated you to start developing this sort of interventions?” numa entrevista dada *online* ao autor no dia 12 de Novembro de 2008.

com as entidades responsáveis pelo espaço para intervir sobre outros objectos inutilizados e negligenciados, agindo sobre eles criativamente e dando nova vida à rua. Poderia até ser passível de surgir uma nova "brigada" à semelhança da que surgiu pela iniciativa da ABCHP referida no capítulo 1. No entanto não para limpar das ruas o lixo pontual que vai surgindo, mas sim para serem desenvolvidas acções com novos artistas emergentes, no sentido de lhes ser dada autorização para intervir sobre estes objectos. Desta forma talvez se poderiam resolver dois problemas. Primeiro, a dificuldade em desenvolver trabalho remunerado por parte de jovens artistas recém-formados e, em segundo, combater o aspecto sujo e negligenciado da cidade, agindo sobre os objectos que lhe dão essa imagem. Surgiriam assim explosões de criatividade pela rua, que com certeza começariam a ter pontos na imagem de marca da cidade e consequentemente em factores que lhe são adjacentes, como turismo, circuitos artísticos urbanos mais alargados (e não confinados a uma zona da cidade), espírito crítico e sentido de comunidade da parte de todos os habitantes e intervenientes no espaço.

Esta possibilidade de envolvimento legal com entidades que regulam ou que trabalham no espaço público poderia enriquecer o carácter visual da cidade, não se procurando que as intervenções fossem um ataque às entidades, mas sim um incentivo para que artistas e estas comecem a trabalhar em conjunto de uma forma criativa, sugerindo novas ideias e usos do espaço e dos objectos que o habitam. Com a presença dessas intervenções, os transeuntes poderiam ser confrontados com o surgir de algo alternativo e inesperado, fazendo-os olhar o espaço de uma forma não tão séria e previsível, estimulando a procura de um outro sentido de conexão com o espaço envolvente que não o de utilizar a rua apenas como zona de passagem.

O projecto torna-se tão claro como a simplicidade de mudar a forma como olhamos para um objecto, dando-lhe uma nova vida com o surgimento de um envolvimento directo com uma realidade já existente, não se construindo nada sobre esta. Basta sugerir uma alteração da forma como se olha para um elemento que habita no espaço, aparecendo assim uma percepção diferente do mesmo e dos seus problemas.

Surge aqui uma noção de "reciclagem visual" do que já existe. Para quê colocar novas "peças de arte" na rua se, nesta era de consumo material,

excesso de informação e matéria no espaço, existem tantos elementos que já ocupam volume no espaço sem terem qualquer função? Porque não usar esses objectos já existentes e disponíveis para intervir e fazer deles algo que possa ser considerado como arte? Algo que provoque novas reacções na cabeça dos transeuntes e ao mesmo tempo crie novas narrativas reciclando aquilo que antes não passava de "lixo".

Mirko Zardini referiu a importância deste género de acções subversivas e de olhares críticos que se revelam como algo quase indispensável na forma como as pessoas se relacionam com o espaço público.

> *(…) thousands of actions have infiltrated the interstices of the urban world. Practices that made brief appearances in cities of the 1960s and 1970s are now resurfacing, after having fallen into a temporary obsolescence. Like an underground river, they continued to flow and re-emerged in new forms and unexpected places. (…) They reveal the existence of a world rich in inventiveness and imagination, alien to our contemporary modes of consumption. These actions propose alternative lifestyles, reinvent our daily lives, and reoccupy urban space with new uses.* (ZARDINI, 2008:15,16)

Também Giovanna Borasi abordou a mesma questão, relacionando-a com a importância do envolvimento das pessoas que usam a rua na modificação ou concepção estética dela. Considera bastante relevante a análise de propostas dadas não por quem tem o poder legal e oficial de alterar a rua, mas sim por quem tem o poder de a usar diariamente, para todos os fins possíveis e imaginários.

> *(…) Everyone can take part in proposing a new interpretation of today's urban lifestyle. Bottom-up proposals and ideas that contribute to defining a new way of thinking about many aspects of our lives are explored, often in the first person. What interests us is that they offer a plurality of responses that would be impossible if they were formulated the other way around, from the top down.* (BORASI, 2008:21)

Pode-se então compreender que isto não é uma ideia nova. Nem a reciclagem de objectos inutilizados, conferindo-lhes uma nova vida (seja ela funcional ou estética), nem a noção de agir sobre o que está negligenciado no espaço público, nem a de chamar a atenção para problemas sociais e urbanísticos que afectam o dia a dia de cada um através de intervenção artística. Nem sequer a possibilidade de um simples utilizador do espaço agir sobre ele de forma

consciente e sem esperar nada em troca, numa abordagem quase *ready-made* sobre os objectos do espaço, dando aos restantes transeuntes algo para olhar, questionar e reflectir. Já muito se pensou sobre isto, de formas separadas, com abordagens distintas. Então porque se continua a perder cada vez mais a relação com as ruas? Porque é que na maior parte das cidades os cidadãos olham para ao espaço público e não o encaram como algo que lhes pertence, algo sobre o qual podem e devem agir? Porque continuam a ser ilegais as expressões artísticas espontâneas no espaço público e as instalações urbanas que têm vindo a ser desenvolvidas por muitos artistas recentemente? Porque é que objectos que são lixo permanecem no espaço por um tempo incalculável e só o retiram quando alguém tentou fazer deles algo mais que algo degradado? E porque é que só se reflecte sobre a negligência do espaço público quando alguém intervém sobre ela?

dados das imagens

Capa: Série de imagens composta por fotografias do autor, 2009

Figura 1: Exemplo de casa devoluta na cidade do Porto, Fotografia de Maria Côrte-Real, 2008

Figura 2: Fotografia do autor, que apresenta algo comum na cidade do Porto, o abandono de objectos pela via pública e instalações "provisórias" que se tornam permanentes, devido à negligência do espaço, 2009

Figura 3: Exemplo de mobiliário urbano, fotografia do autor, 2009

Figura 4: Exemplo de mobiliário urbano, fotografia do autor, 2009

Figura 5: Exemplo de mobiliário urbano, fotografia do autor, 2009

Figura 6: Imagem retirada a 2 de Maio de 2009 do site da exposição *Actions - What You Can Do With The City*, no endereço electrónico <http://cca-actions.org/actions/blue-details>

Figura 7: Imagem retirada do blog *InvisibleRed* a 5 de Maio de 2009, no endereço electrónico <http://invisiblered.blogspot.com/2006_07_01_archive.html>

Figura 8: Brad Downey, *David Vs. Goliath*, 2006, New York, duração: 6 meses. Fotografia de Tod Seelie. Imagem retirada do livro *The Adventures of Darius and Downey & Other True Tales of Street Art, as Told to Ed Zipco*, London: Thames&Hudson, 2008

Figura 9: Darius Jones (Leon Reid IV),*The Kiss*, London, duração: 1 hora. Fotografia de Ed Zipco. Imagem retirada do livro *The Adventures of Darius and Downey & Other True Tales of Street Art, as Told to Ed Zipco*, London: Thames&Hudson, 2008, pág.236

Figura 10: Alex Villar, *Narrow Gap,* video still from video, 6 min, silent, 2001, imagem retirada de <http://www.de-tour.org/materials/to_vs_1_thumb.html>.

Figura 11: Exemplo de mobiliário urbano sem função. Fotografia do autor, 2009

Figura 12: Exemplo de mobiliário urbano sem função. Fotografia do autor, 2009

Figura 13: Exemplo de mobiliário urbano sem função. Fotografia do autor, 2009

Figura 14: Estrutura de sinalização destruída do Metropolitano do Porto. Fotografia do autor, 2009

Figura 15: *Rebento \|/.* Fotografia do autor, 2009

Figura 16: O *Rebento \|/*, servindo como trono para o engraxador de sapatos. Fotografia do autor, 2009

Figura 17: O espaço onde o *Rebento \|/* se encontrava, depois de ser retirado. Fotografia do autor, 2009

Figura 18: Exemplo de estrutura sinalizadora funcional do Metropolitano do Porto. Fotografia do autor, 2009

Figura 19: Série fotográfica documental da intervenção *O.U.N.U. aka Inútil Parte 2*. Fotografias de Patrícia Gorriz, 2009

Figura 20: Intervenção *O.U.N.U. aka Inútil Parte 2.* Fotografia do autor, 2009

Figura 21: Expressão escrita anónima sobre a intervenção *O.U.N.U. aka Inútil Parte 2*. Fotografia do autor, 2009

Figura 22: Espaço onde se encontrava a intervenção *O.U.N.U. aka Inútil Parte 2,* após esta ser retirada. Fotografia do autor, 2009
Figuras 23 a 28: Intervenções *O.U.N.U.*: Da esquerda para a direita e de cima para baixo: *O.U.N.U. I*, Rua do Almada; *O.U.N.U. II*, Rua do Melo; *O.U.N.U. VI*, Travessa da Cedofeita; *O.U.N.U. III,* Rua do Dr. Alves da Veiga; *O.U.N.U. IV*, Rua de Fernandes Tomás; *O.U.N.U. V*, Rua de Fernandes Tomás. fotografias do autor, 2009
Figura 29: Exemplo da placa de legenda das intervenções *O.U.N.U.* Fotografia do autor, 2009
Figura 30: Intervenção *O.U.N.U. VII*, Rua da Bandeirinha, Porto. Fotografia do autor 2009
Figura 31: Intervenção *O.U.N.U. 1200x540x2000*, na Praça da República, Porto. Fotografia do autor, 2009
Figura 32: Mapa com a localização das intervenções desenvolvidas na cidade do Porto em 2009

referências

referências bibliográficas

- ALVELOS, Heitor, *The Fabrication of Authenticity - Graffiti Beyong Subculture,* Londres, Royal College of Art, 2003. Tese de Doutoramento em Filosofia, Junho de 2003, Communication, Art and Design

- AUGÉ, Marc, *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*, Lisboa: 90 Graus Editora, 2005

- BANKSY, *Wall and Piece*, London: Century, 2006

- BORASI, Giovanna, "City 2.0", in *Actions - What You Can Do With the City*, Amsterdam: Canadian Centre for Architecture / SUN, 2008, pp.20-25

- BRAUNGART, Michael; MCDONOUGH, William, *Cradle to Cradle - Re-Making the Way We Make Things*, London: Vintage Books, 2009

- CALVINO, Italo, *As Cidade Invisíveis*, Lisboa: Editorial Teorema, 2003 (1990)

- CANADIAN CENTRE FOR ARCHITECTURE, *Actions - What You Can Do With the City*, Giovanna Borasi; Mirko Zardini (ed.), Amsterdam, Canadian Centre for Architecture / SUN, 2008

- CARERI, Francesco, *Walkscapes - Walking as an Aesthetic Practice*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002

- CENTRO PORTUGUÊS DO DESIGN, *Espaço Público e a Interdisciplinariedade*, Pedro Brandão, Antoni Remesar (coord.), Lisboa: Centro Português do Design, 2000

- CENTRO PORTUGUÊS DO DESIGN, *Do Projecto ao Objecto : Manual de Boas Práticas de Mobiliário Urbano em Centros Históricos*, coord. ed. Isabel Cotrim, (2ªed.) Porto: Centro Português do Design, 2005

- CULLEN, Gordon, *Paisagem Urbana*, Lisboa: Edições 70, 2008

- DEBORD, Guy, *A Sociedade do Espectáculo,* (2ªed), Francisco Alves, Afonso Monteiro (trad.) Lisboa : Mobilis in Mobile, 1991

- FORD, Simon, *The Situationist International : A User's Guide*, London : Black Dog Publishing, 2005

- FRANCO, Alberto, *A Revolução é a Minha Namorada Memórias de António Gonçalves Correia, Anarquista Alentejano*, Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde (ed.), 2000

- GRAFMEYER, Yves, *Sociologia Urbana,* Mem Martins: Publicações Europa-América, s.d.

- HOME, Stewart, *The Assault on Culture - Utopian Currents From Lettrisme to Class War*, Stirling: AK Press, 1991

- LEFEBVRE, Henry, *The Production of Space*, Oxford: Blackwell, 1991

- LÉVI-STRAUSS, Claude, *Tristes Trópicos*, Lisboa: Edições 70, 1986

- LUZ, Carla Sofia, "Limpeza Deu-lhes Trabalho no Feriado", in *Jornal de Notícias*, Porto, ano CXXI, nº335, 2 de Maio de 2009, pág.19

- LYNCH, Kevin, *A Boa Forma da Cidade*, Lisboa: Edições 70, 1999

- MASS MOCA, *The Interventionists - User's Manual For the Creative Disruption of Everyday Life*, Nato Thompson e Gregory Sholette (ed.), North Adams: Mass Moca Publications, 2004

- POTTER, Andrew; HEATH, Joseph, *The Rebel Sell - How the Counterculture Became Consumer Culture*, Chichester: Capstone Publishing, 2005

- REYNOLDS, Richard, "Guerrilla Gardeners and Public Space Professionals: Between Conflict and Co-Operation", in *Actions - What You Can Do With the City*, Giovanna Borasi; Mirko Zardini (ed.), Amsterdam, Canadian Centre for Architecture / SUN, 2008b, pp.78-85

- REYNOLDS, Richard, *On Guerrilla Gardening A Handbook for Gardening Without Boundaries*, London: Bloomsbury, 2008a

- RUDOLF, Ake, *Urban Guerrilla Protest*, New York: Mark Batty Publisher, 2008

- SADLER, Simon, *The Situationist City*, Cambridge, Mass: The MIT Press, 1999

- SMITH, Keri, *Guerrilla Art Kit*, New York: Princeton Architectural Press, 2007

- TATCHER, Jennifer, "Afterword" in *The Adventures of Darius and Downey & Other True Tales of Street Art as Told to Ed Zipco*, London: Thames & Hudson, 2008, pp.253-255

- TAVARES, Vítor, *Não-Lugares na Cidade do Porto*, Porto, Faculdade de Belas Artes, 2007. Dissertação de Mestrado em Arte Multimédia

- TSUKAMOTO, Yoshiharu; KAIJIMA, Momoyo, "A View From Tokyo: Recycling the Built Environment" in *Actions - What You Can Do With the City*, Giovanna Borasi; Mirko Zardini (ed.), Amsterdam, Canadian Centre for Architecture / SUN, 2008, pp.124-130

- TUAN, Yi-Fu, *Space and Place The Perspective of Experience*, Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1981 (1977)

- VAN NIEUWENHUIZEN, Jeroen, "Thoughts on Cradle to Cradle and Superuse in Dynaspace", in *Actions - What You Can Do With the City*, Giovanna Borasi; Mirko Zardini (ed.), Amsterdam, Canadian Centre for Architecture / SUN, 2008, pp.116-120

- VINHA, José, "Entrevista a António Guedes e Roberto Guedes", in *O Comércio do Porto*, Porto, ano CLII, nº11, 12 de Junho de 2005, pp.3-5

- VITORINO, Manuel, ""Cidade Suja" Cria Suspeitas de Privatização na Recolha dos Lixos", in *Jornal de Notícias*, Porto, ano CXVIII, nº179, 27 de Novembro de 2006, pág.20

- ZARDINI, Mirko, "A New Urban Takeover", in *Actions - What You Can Do With the City*, Amsterdam: Canadian Centre for Architecture / SUN, 2008, pp.12-17

- ZIPCO, Ed; REID IV, Leon; DOWNEY, Brad, *The Adventures od Darius and Downey & Other True Tales of Street Art as Told to Ed Zipco*, London: Thames & Hudson, 2008

documentos *on-line*

- CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO, *Código Regulamentar do Município do Porto*, [*on line*], 18 de Abril de 2008, disponível em <http://cmpexternos.cm-porto.pt/crmp/>, [consulta: 10 de Maio de 2009]

COLUCAS, Patrícia, "Entre a Cidade e o Campo O Espaço Público Como Lugar de Participação" [*on line*] in *Alambique*, nº2, 31 de Janeiro de 2009, disponível em <http://goncalvescorreia.blogspot.com>, [consulta: 10 de Março de 2009]

- DÉBORD, Guy, "Teoria da Deriva", [*on line*] in *5ºano 2004/05*, 26 de Novembro de 2004, disponível no post "Tradução do texto de Guy Debord - para Desenho Gráfico II", no link <http://quintoanodesign.blogspot.com/2004_11_01_archive.html>, [consulta: 10 de Janeiro de 2009]

- FREIRE, Paulo, *Ação Cultural para a Liberdade*, [*on line*], 1981, disponível em <http://www.bibliotecadafloresta.ac.gov.br/biblioteca/LIVROS_PAULO_FREIRE/Acao_Cultural_para_a_Liberdade.pdf>, [consulta: 14 de Maio de 2009]

- SILVA, Renata, “Porto: População Desafiada a Participar na Limpeza da Baixa”, [*on line*] in *JPN*, 26 de Março de 2009, disponível em : <http://jpn.icicom.up.pt/2009/03/26/porto_populacao_desafiada_a_participar_na_limpeza_da_baixa.html>, [consulta: 28 de Abril de 2009]

- TEMPORARY SERVICES, *Public Phenomena*, [*on line*], 2005, disponível em <http://www.temporaryservices.org/public_phenomena.pdf>, [consulta: 12 de Abril 2009]

- VAN HINTE, Ed; JONGERT, Jan; PEEREN, Césare, *Superuse: Constructing New Architecture by Shortcutting Material Flows*, Rotterdam: 010 Publishers, 2007 [on line] in *Google Books*, disponível em <http://books.google.com/books?id=QnI1m8-Mku4C&pg=PP1&dq=superuse&ei=h5orSq_nEqDczQTLicGtAQ&hl=pt-PT>, [consulta: 15 de Abril de 2009]

- VILLAR, Alex, “A Conversation Between Simon Sheikh and Alex Villar”, [*on line*] in *Danger Museum Newsletter*, nº18, 2003, entrevista concedida a Simon Sheikh, disponível em: <http://www.de-tour.org/bibliography/archives/newsletter_18.pdf>, [consulta: 20 de Fevereiro de 2008]

- VILLAR, Alex, “Resistência Biopolítica: Uma Entrevista com Alex Villar”, [*on line*] in *Documenta Magazines*, 2007, entrevista concedida a André Moreira, disponível em: <http://www.rizoma.net/interna.php?id=324&secao=artefato>, [consulta: 20 de Fevereiro de 2008]

websites

- http://cca-actions.org

- http://invisiblered.blogspot.com

- http://www.cm-porto.pt

- http:// www.braddowney.com

- http://www.leonthe4th.com

- http://www.woostercollective.com

- http://www.projectovulto.blogspot.com

anexos

anexo 1

blogspot projecto vulto

Este *blog* foi criado no final do 1ºano do Mestrado em Arte e Design para o Espaço Público como plataforma para a divulgação *online* das experiências desenvolvidas e encontra-se disponível no seguinte endereço: <http://www.projectovulto.blogspot.com>

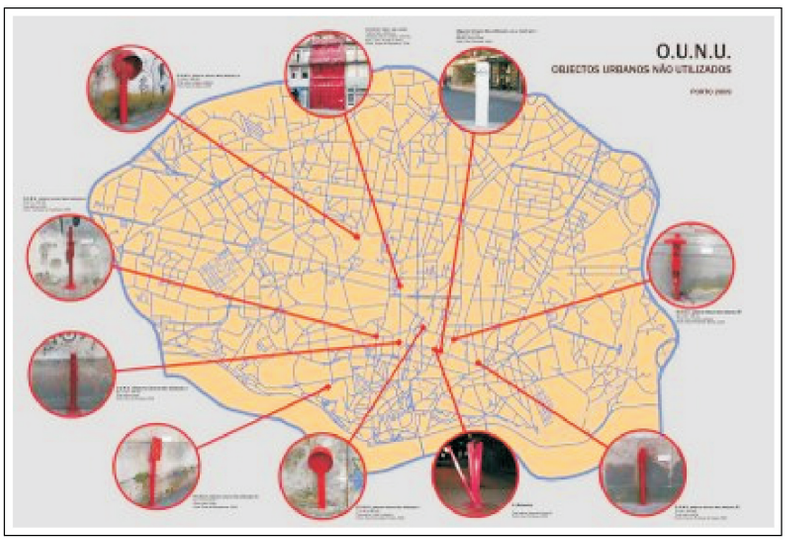


Os textos e as imagens apresentados nas páginas seguintes são os que se encontram publicados no *blog* até à data. Alguns dos textos foram alvo de comentários por parte de visitantes, pelo que também foram transcritos para o anexo.

PROJECTO VULTO

QUINTA-FEIRA, 28 DE MAIO DE 2009

Mapa O.U.N.U.



Mapa de todas as intervenções relacionadas com a série O.U.N.U., desenvolvidas entre Fevereiro e Maio de 2009 na cidade do Porto.

PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 12:12

1 COMENTÁRIOS:

Anónimo disse...

que bom projecto , intervenção urbana , eu acho que devia haver desses projectos por cada cidade deste pais que tem situaçoes bem piores do que aquelas que voces referem , intreveem :) forca ai

22 DE JUNHO DE 2009 13:17

Enviar um comentário

Página inicial Mensagem antiga

Subscrever: Enviar comentários (Atom)

ACÇÕES

▼ 2009 (8)

▼ Maio (3)

Mapa O.U.N.U.

O.U.N.U. 1200 x 540 x 2000

O.U.N.U. VII

► Abril (1)

► Março (3)

► Fevereiro (1)

► 2008 (3)

O QUE É O PROJECTO VULTO

O Projecto Vulto é um projecto de cariz artístico e ao mesmo tempo activista e subversivo. Pretende-se agir activamente sobre o espaço público nas cidades, desenvolvendo intervenções artísticas que levantem questões acerca do espaço público, da forma como se vive e se deixa viver nele. As acções são tomadas de uma forma clandestina, acontecendo de forma espontânea e sem autorização.

VER O MEU PERFIL COMPLETO

DOMINGO, 10 DE MAIO DE 2009

O.U.N.U. 1200 x 540 x 2000

Praça da República, Porto



Esta intervenção surge a partir de uma parceria com a Marta Calejo que, para a sua tese de mestrado, se encontra a abordar problemáticas relacionadas com questões imobiliárias, mais propriamente relativas a edifícios devolutos que se encontram na cidade. No seu projecto, propõe-se a uma apropriação temporária dos edifícios e a interagir visualmente, de formas distintas, no espaço de forma a re-utilizá-lo e com isto chamar a atenção para um problema que se encontra por toda a cidade do Porto. Assim, convidou alguns artistas com o objectivo de estes desenvolverem intervenções sobre algumas casas devolutas que se encontram na Praça da República, no Porto.

Visto as preocupações conceptuais se cruzarem com as da série O.U.N.U. foi aberta a possibilidade para uma cooperação, que se materializou naquilo que pode ser considerada a última intervenção desta série.

Entre os dias 8 e 10 de Maio de 2009 pode-se assim assistir na Praça da República a algumas intervenções temporárias sobre edifícios devolutos, sendo que uma das quais é aquela aqui apresentada, denominada "O.U.N.U. 1200x540x2000".



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 15:45 0 COMENTÁRIOS

O.U.N.U. VII



Rua da Bandeirinha, Porto



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 15:28 0 COMENTÁRIOS

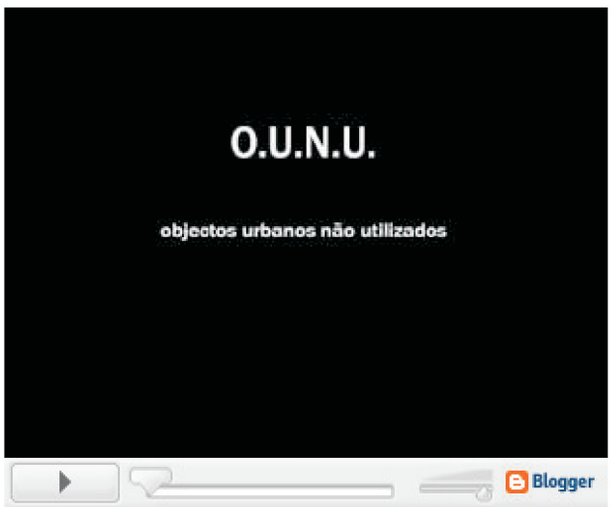
SEGUNDA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 2009

Série O.U.N.U.



Série de intervenções O.U.N.U.

O.U.N.U. I - Rua do Almada
O.U.N.U. II - Rua do Melo
O.U.N.U. III - Rua do Dr. Alves da Veiga
O.U.N.U. IV - Rua de Fernandes Tomás
O.U.N.U. V - Travessa de Cedofeita
O.U.N.U. VI - Cruzamento da Rua de Fernandes Tomás com a Rua da Trindade



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 6:21

1 COMENTÁRIOS:

pilha recarregável disse...

Gostei, de tudo um pouco qu fui vendo pelo blog. Estás a prestar um serviço público e eu como tripeiro só posso aplaudir. Continua.

29 DE ABRIL DE 2009 3:05

DOMINGO, 29 DE MARÇO DE 2009

O.U.N.U. - Objectos Urbanos Não Utilizados 2ªFASE

No seguimento das intervenções anteriores, surge a 2ªFase das acções baptizadas de O.U.N.U.
Com a reacção que acabou por surgir por parte das entidades responsáveis pela organização do espaço público, que se definiu pela remoção quase imediata do mobiliário urbano alvo de intervenção, o projecto tenta aproveitar esse factor de uma forma positiva. Ou seja, estudando as experiências anteriores, pode-se concluir que a transformação estética de mobiliário urbano inutilizado faz com que este seja imediatamente removido da via pública, mesmo após ter lá estado durante um largo período de tempo inutilizado.
A transformação estética dos objectos torna-se então como que uma arma para o melhoramento do espaço público. Isto porque, alterando a aparência dos objectos que estão a mais no espaço, desenvolvem-se pontos de vista alternativos sobre o espaço, o que faz com que estes objectos sejam retirados, seja por censura de expressão artística clandestina no espaço, ou por ter sido apenas através da intervenção que as atenções caíram sobre a inutilidade que ocupa a via pública. Não poderá haver uma acusação de ocupação ilegal do espaço, visto ele já estar ocupado pelo objecto, nem de vandalização ou degradação de mobiliário urbano, visto este já estar inutilizado e degradado quando se decidiu intervir.

As intervenções desta 2ªFase são definidas pela alteração cromática das peças onde se pretende intervir, pintando-as de uma cor diferente da habitual, dando uma aparência homogénea ao

objecto e retirando-lhe qualquer simbologia ou significado, tornando-o apenas um volume no espaço. Ao lado de cada objecto será afixada uma pequena placa, similar às presentes em galerias ou museus, servindo de legenda à peça, e injectando-lhe um cariz de significação artística. De um objecto inutilizado consegue-se assim uma expressão alternativa no espaço público, desenvolvida a partir de despojos urbanos. Interessante será depois contabilizar o tempo que demora até que essa peça seja retirada do espaço, confrontando esse espaço de tempo com o tempo em que esta se manteve inutilizada sem se ter retirado.



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 9:34 0 COMENTÁRIOS

O.U.N.U. - Objectos Urbanos Não Utilizados
1ªFASE: MISSÃO CUMPRIDA

A 1ª fase de intervenção sobre os objectos inutilizados no espaço público que espelham as relações dos indivíduos com o espaço, o aproveitamento deste e que consequentemente são um reflexo das relações de hierarquia, autoridade e pertença dos espaços teve resultado positivo.

Tanto a intervenção \|/ como a intervenção Inútil parte 2 foram retiradas do espaço público por entidades competentes. O que leva a crer que há várias hipóteses a pairar no ar:

1ª Os objectos, inutilizados e ocupando desnecessariamente a via, estavam tão dissimulados na paisagem ao ponto de que só repararam na sua presença (mesmo as entidades responsáveis) quando estes foram pintados ou cobertos com manga plástica.

2ª Pode-se ter lixo na rua, estruturas abandonadas, paisagem degradada, desde que tenha surgido pela mão de alguma corporação ou empresa e não de um comum indivíduo. No entanto, quando esses objectos são libertados da sua posição de lixo urbano e transformados através de alguma intervenção em algo a que se poderá (ou não) chamar de acção artística, acabam por ser retirados o mais brevemente possível das ruas.

3ª Foi apenas coincidência o facto de objectos inutilizados terem sido alvo de intervenções que pretendem chamar a atenção para estes (elevando-os à condição de arte urbana) e o facto de terem sido retirados pouco tempo depois (mesmo após existirem na rua sob a condição de lixo urbano durante vários meses).



Espaço público sem a presença da intervenção O.U.N.U. a.k.a. Inútil pt.2

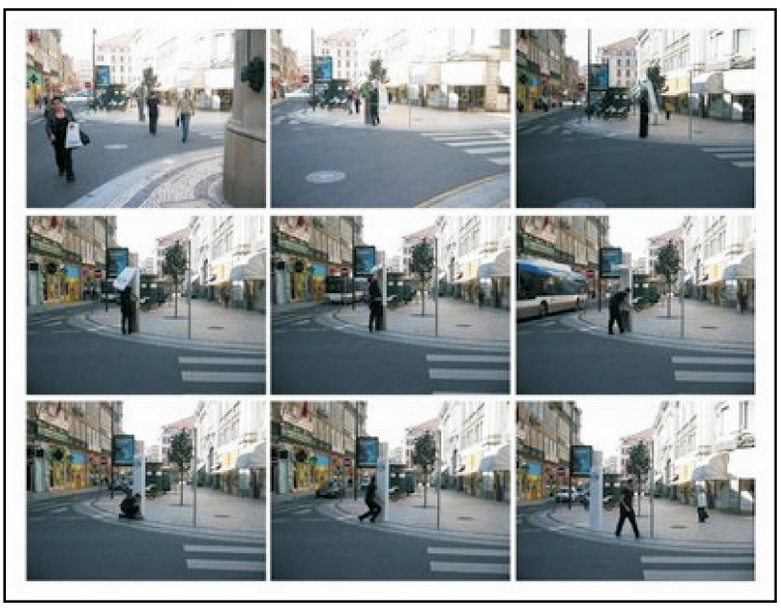


Espaço onde estava situada a intervenção \|/, após esta ser retirada

PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 9:08 0 COMENTÁRIOS

SÁBADO, 14 DE MARÇO DE 2009

O.U.N.U. - Objectos Urbanos Não Utilizados a.k.a. INÚTIL parte 2





A cidade encontra-se povoada por vários tipos de objectos que ocupam espaço nas zonas de interacção pública. Muitos desempenham alguma função, enquanto outros já deixaram de a desempenhar há algum tempo.

Após uma observação criteriosa não é difícil encontrar ruínas de mobiliário urbano ao derivar pela cidade. No entanto, na maior parte das vezes, este passa completamente despercebido aos transeuntes e, sob um olhar despreocupado, não passa de excedentes abandonados, estruturas destruídas ou cinzentos pedaços de chapa inutilizada. A presença destes elementos é tão comum que, independentemente do seu tamanho ou grau de inutilidade, conseguem diluir-se na paisagem citadina, tornando-se parte desta.

Paradoxalmente, a sua presença só é realmente assimilada quando são ocultados, dando origem a um estranho volume que levanta a curiosidade de saber que coisa é aquela que ocupa o espaço público e porquê.



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 12:35

1 COMENTÁRIOS:

Josie disse...

Gosto tanto...e de Inútil não tem nada. :)

21 DE MARÇO DE 2009 13:52

SEXTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 2009

\|/



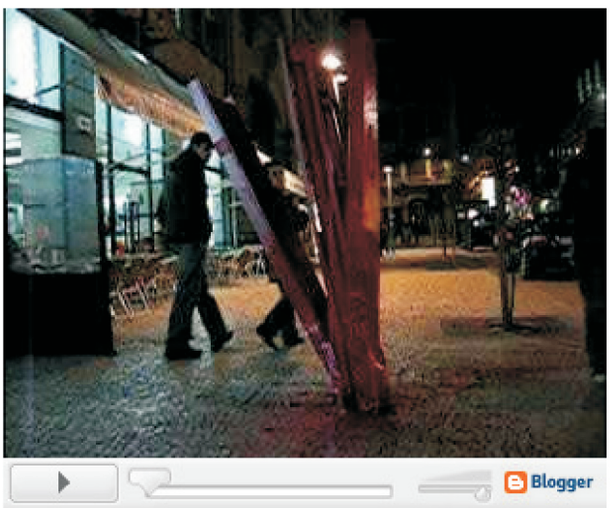
Intervenção na Rua Formosa, no Porto, junto do Mercado do Bolhão.

Reutilizou-se uma caixa de sinalização do Metro do Porto destruída por, possivelmente, algum acidente automóvel. Os restos "mortais" da caixa foram deixados durante vários dias na rua, permanecendo fixos ao chão, sendo que as chapas e tubagens de alumínio que a compunham, desenhavam um gesto de vida abrindo-se em direcção ao céu. Gesto esse que contrastava com o estado moribundo em que foi deixada a estrutura.

Como forma de elogiar esse gesto surgido por acidente, assim como tantas outras coisas que surgem a expressar algum género de beleza naturalmente por vontade do caos e da arbitrariedade, pensou-se em dar nova vida à caixa de sinalização. No entanto, não a vida "funcional" de um cinzento mobiliário urbano a que sempre esteve destinada, mas sim uma nova vida, que pudesse fazer justiça às novas linhas que lhe tinham sido destinadas, elevando-a a um nível acima de um simples mobiliário urbano, destinando-lhe a missão de colocar agora sorridentes interrogações nas mentes de quem por ela passava.

Foi então decidido limpar todos os dejectos publicitários que a atormentavam para de seguida lhe retirar toda e qualquer conotação que ainda pudesse ter com uma qualquer empresa de transportes públicos. Foi assim que, ao ser pintada totalmente de um vermelho vivo que enaltece as suas torções e a faz destacar do ambiente cinzento que a rodeava, dela nasce um apelativo rebento metálico do solo. Rapidamente foi utilizado pelo engraxador de sapatos que normalmente se encostava à parede, usando-o provavelmente tanto como necessidade de apoio como forma de chamar a atenção para o negócio, enquanto as suas formas de rebento dialogavam com a loja de sementes do canto sudoeste do Mercado do Bolhão.

No dia seguinte tinha desaparecido.



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 20:33 0 COMENTÁRIOS

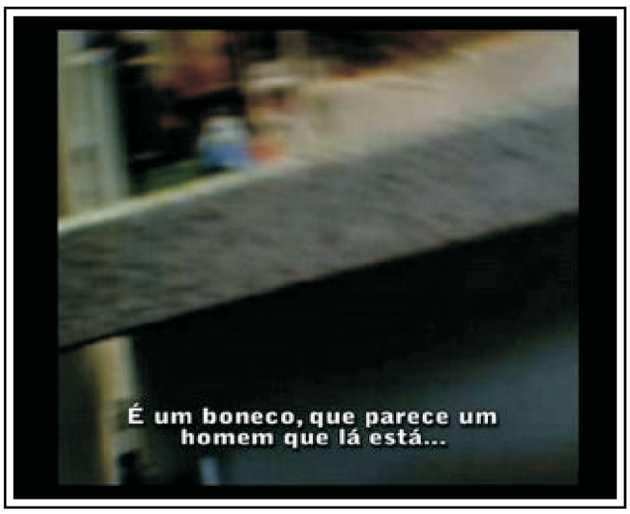
SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 2008

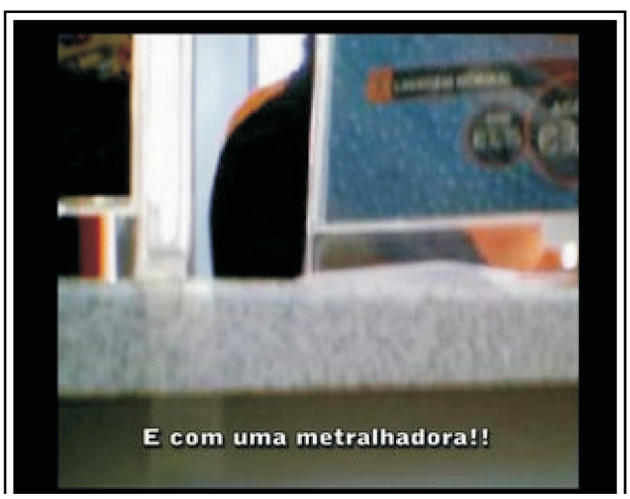
Deslocal

O petróleo não tem um percurso fácil desde a sua extracção até ao depósito dos veículos. Corre muito sangue para que alguns privilegiados possam abastecer o carro, visto o domínio sobre os países que detêm as maiores zonas de exploração petrolífera nunca ser fácil. Em Portugal, embora tenhamos apoiado recentes invasões a países estrangeiros devido ao consumo de petróleo, nunca tivemos consequências disso. O espectro do terrorismo difundido pelos *mass media* provoca nos portugueses pouco mais que indiferença. Tudo parece distante e continua-se a consumir sem se ter bem a noção de onde tudo vem e sem sequer haver muita preocupação em descobrir.

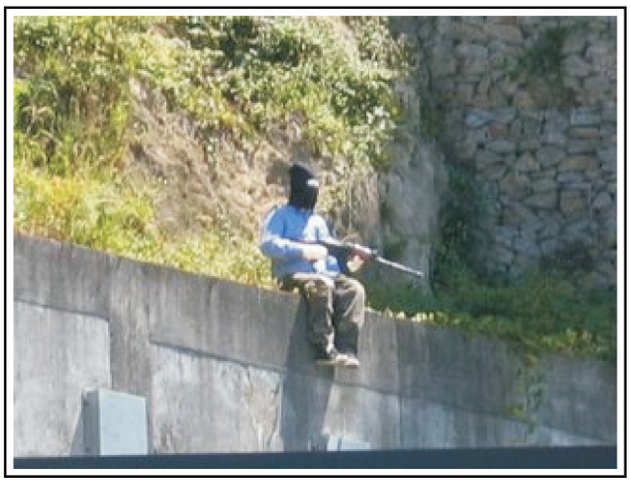
O que se pretende neste projecto é um confronto entre realidades. O deslocar uma realidade para dentro de outra, unindo-as por um elemento comum que é neste caso o petróleo, pode provocar tensões muito fortes. O projecto consta assim da colocação clandestina de uma figura humana de tamanho real, similar à imagem do terrorista típico que se vê na comunicação social, munido com uma réplica de uma metralhadora AK-47 numa bomba de gasolina da Rua Júlio Dinis, no Porto. A peça, instalada num muro com uma altura considerável e de difícil acesso, parece estar a observar os consumidores de combustível. Embora não tenha ficado no local muito mais que umas horas, a sua presença foi suficiente para causar alguma inquietação e sensação de insegurança em quem abasteceu naquele local. Como registo fica um vídeo documental que inclui a instalação da peça e a reacção de quem estava responsável pelo estabelecimento na altura.




É um boneco, que parece um
homem que lá está...


E com uma metralhadora!!


PROMOÇÃO
Lá a cima não vou!



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 6:57

2 COMENTÁRIOS:

Anónimo disse...

... se tivesses em vez de um terrorista, uma stripper agarrada a um varão, ias ver que tinha mais impacto...

11 DE NOVEMBRO DE 2008 5:29

email: protect157@hotmail.com disse...

excelente! estava a faltar alguem que se ocupe e dê forma a estas intervenções urbanas. bom trabalho!

28 DE MAIO DE 2009 10:59

SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 2008

Inútil

Pretende-se com este projecto estudar os espaços neutros de movimento e acção dentro dos circuitos de circulação da sociedade, como forma de materializar uma preocupação em questionar a organização do espaço público e da forma como este é usufruído pelos seus utilizadores. Ao considerar as ruas como uma área partilhada, utilizada de várias formas, preenchida por vários objectos, onde ocorre movimento, onde se definem percursos dentro da trama urbana, pode-se entender uma área onde isso não aconteça como uma zona de interrupção, que não serve o propósito do espaço.

A intervenção define-se então pela aplicação de objectos insufláveis de vários formatos, elaborados com manga plástica transparente, nos espaços mortos da rua. Esses elementos são produzidos em função dos intervalos que vão ocupar, tendo cada um deles uma forma específica consoante essa área (a parte inferior de um banco da rua, um espaço entre um poste e uma parede, etc.)

Como objectivo final, procura-se obter uma solução plástica onde toda a rua terá os seus espaços mortos preenchidos e ocupados, embora na realidade a sua ocupação seja mínima, mais psicológica que física, visto que todo o espaço continuará ocupado apenas por ar. A única diferença é que existe uma fronteira visível entre o ar que se encontra no intervalo e o restante que existe nos espaços úteis da rua. Esses intervalos são assim activados e destacados do resto da rua. começam a ser notados de forma inversa a antes de estarem "preenchidos". Procura-se que os elementos que circulam na rua comecem a encarar esses espaços como zonas passíveis de utilização e não como zonas neutras, quase inexistentes.


Ecoponto




AD
AD
AD



PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 6:28

1 COMENTÁRIOS:

Edgar disse...

espaços mortos/inúteis

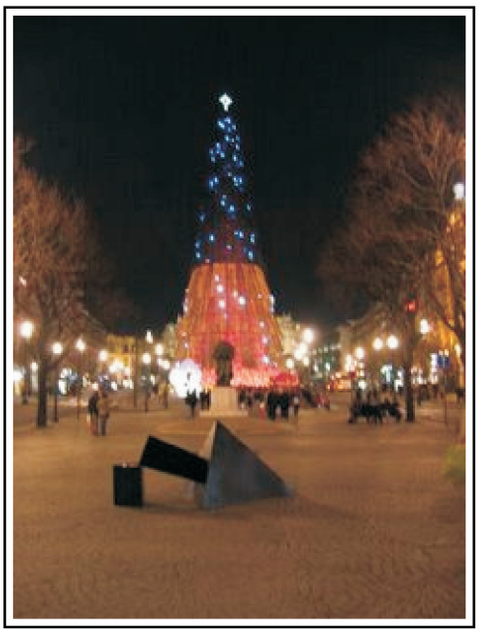
6 DE DEZEMBRO DE 2008 15:28

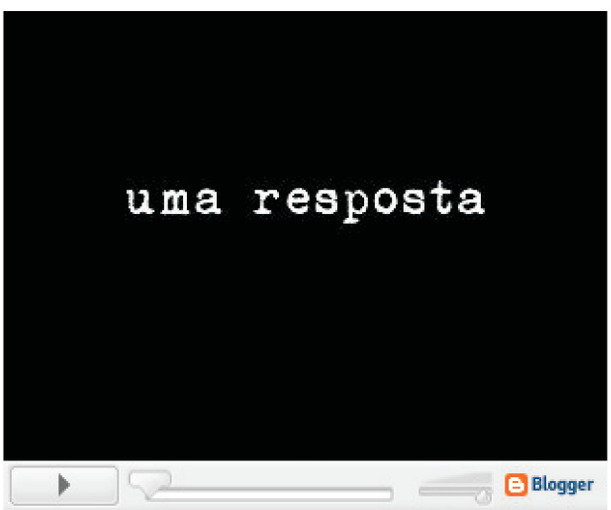
SEGUNDA-FEIRA, 20 DE OUTUBRO DE 2008

Uma Resposta

No dia 17 de Novembro de 2007 foi inaugurada na Avenida dos Aliados, no Porto, uma estrutura metálica patrocinada por uma instituição bancária, como forma de publicitar a época natalícia. Porém, para muitas pessoas, esta representação em grande escala de um pinheiro não passa de um símbolo de consumo, hipocrisia e excesso de publicidade no espaço público. Como resposta, pretendia-se comunicar uma visão alternativa sobre a época e que qualquer uma deve ter o direito de existir e não ser censurada, não devendo existir apenas um ponto de vista acerca de algo na cultura visual que se encontra no espaço público. Para tal foi decidido utilizar a mesma arma, colocando um outro volume no mesmo espaço. Foi assim instalado clandestinamente no dia 20 de Dezembro de 2007 um pinheiro estilizado, partido ao meio e pintado de negro, em contraste com a megalómana e iluminada estrutura vizinha. A intervenção viveu no espaço durante 47 dias, acabando por ser retirada a 5 de Fevereiro de 2008 por, provavelmente, funcionários camarários. Durante o tempo em que esteve instalada a peça esteve sujeita a várias agressões externas, desde chuva, ataque de transeuntes, montagens de estruturas em redor, foi desmontada e voltada a montar no mesmo local por terceiros e, finalmente, retirada permanentemente, estando agora em parte incerta. Como registo ficou um filme documental da intervenção que a levou da rua para o Museu, ao ser projectado no evento Serralves em Festa 2008, no Museu de Serralves.







PUBLICADA POR PROJECTO VULTO EM 4:18

1 COMENTÁRIOS:

david_jdj@hotmail.com disse...

é isso bora para as ruas são nossas e ninguem nos vai mostrar o contrario, voz ao povo é o que falta, dêm chapadas na cara desta gente.Power e liberdade e força nisso

5 DE NOVEMBRO DE 2008 10:38

anexo 2

entrevista leon reid IV

Durante o primeiro ano de mestrado e através de uma profunda pesquisa acerca de artistas contemporâneos que desenvolviam trabalho no espaço público, tomou-se conhecimento das intervenções de Leon Reid IV e Brad Downey.

Assim, no início de Novembro de 2008, entrou-se em contacto com Leon Reid IV, na expectativa de realizar uma curta entrevista que pudesse trazer algo de relevante para o seguimento do projecto. Na altura ainda não se tinha uma perfeita noção dos próximos passos da investigação, existindo apenas uma vaga ideia do que se pretendia fazer. Dessa forma, algumas das perguntas e temas abordados na entrevista cingiram-se aos conceitos de *street art* e instalações urbanas. Porém, dentro das respostas obtidas, houve algumas ideias que se tornaram bastante importantes para o que se seguiu. A entrevista decorreu no dia 12 de Novembro de 2008.

Luis Sezões: How do you define your style of art in the public space?
Leon Reid IV: *I've defined my style of art in the public space very differently over the course of 14 years.*
As a teenage graffiti writer, I would have defined my style as a traditional approach to manipulating letter forms to say my tag name at the time VERBS while painting this tag illegally wherever I could get away with it. My materials would have been limited at this time to spray paint, markers and stickers.
As a young adult in my early 20's, I would have defined my style of art in the public more broadly as a sincere vehicle to express and clearly communicate my personal feelings to the public at large -while still operating as an illegal artist. I replaced the graffiti name Verbs for pen-name Darius Jones. And at this point I was much more concerned with transforming ordinary street objects such as signs and poles so that they would express emotions such as love but also show humor and wit.
Now as an adult in my late 20's I would define my style of art in the public space as a larger effort to make works and express my ideas as I would have as Darius Jones. However, now that I've stopped making work illegally, I've begun using my real name Leon Reid IV, and I am learning how to make public works on a much larger scale and with permission and a budget.

L.S.: What motivated you to start developing this sort of interventions?
L.R.IV: *Well, for me the interventions that I made as Darius Jones came out of a progression in creativity. I didn't wake up one morning and decide to create urban interventions. My outdoor work really began with my days as a traditional graffiti writer. As I grew older however, I began to realize that I could make the environment much more expressive by manipulating what was already in the environment. The urban audiences responded much more to a manipulation or intervention with objects that were already there, like a news box or street sign, as opposed to adding something with no particular context like a tag or graffiti painting.*

L.S.: Do you remember your first piece?
L.R.IV: *Yes, my first work of urban art was spray-painted graffiti in a dark sewer canal in Cincinnati Ohio, 1995.*

L.S.: This kind of works obviously share some things with other works made illegally on the street, like graffiti or stencil. What influenced you more? Illegal street art or "official" art?
L.R.IV: *I was really interested in making art illegally at first because I was a young teenager when I began, and nothing attracts young people more than mischief. I continued down the path of an illegal art maker well into my 20's not because I thought it was fun, but because I didn't know how to accomplish urban art any other way. Now as I am a little older, I realize that I don't want to continue worrying about legalities and jail, so I've made an effort to create works only with permission from now on.*

L.S.: Which kind of contribution do you think this kind of art gives to society in general and also to the art world in particular?
L.R.IV: *At its best, urban art gives free inspiration to the entire community and demands nothing in return. At its worst, urban art can be a nuisance and demand everyone's attention for very selfish reasons. For the art world, urban art has been a fashionable genre to exploit.*

L.S.: Have you ever had some fear of getting problems doing this kind of works?
L.R.IV: *When I was making urban art illegally, yes I had some fears about getting caught by police, however my fears now are more about how a community will interpret my work, or will sculptures of mine survive outside for a longer and longer periods of time.*

L.S.: What do you think about the way street art and other forms of subversive cultural expression are getting absorbed by mainstream pop culture?
L.R.IV: *I think it is natural for mainstream and pop culture to take interest in subversive urban culture, in a way pop culture will take what it wants at anytime regardless of what the creators of movement wants. It is best just to accept the benefits of this rather than focus on the negative aspects of it.*

L.S.: Which future do you see for street art?
L.R.IV: *I see "street art" continually changing forms and evolving with the technologies and advancements of society in the future.*

anexo 3

contactos com a ASJP

Para a realização a intervenção *O.U.N.U. 1200x540x2000*, desenvolvida em parceria com a Marta Calejo, foi necessário obter autorização da parte da Associação Sindical de Juízes Portugueses, proprietários do edifício sobre o qual se interviu. A Marta responsabilizou-se por efectuar esses contactos, sendo que durante os mesmos surgiram eleições dentro da Associação, o que fez com que a presidência da mesma fosse alterada. Foi assim contactada a presidente da Associação, sendo que algum tempo depois se teve que contactar a presidente que lhe seguiu.

O resultado dos contactos com a ASJP encontra-se documentado de seguida.

1ª contacto para requisição do espaço

Exma Sra. Dra. Lina Baptista (Presidente da A.S.J.P.)

Venho por este meio pedir á Associação Sindical dos Juízes a cedência temporária da casa devoluta que pertence á mesma e se encontra na Praça da República. Utilizarei a referida casa para a realização de um projecto de investigação de Mestrado, assim sendo passo a explicar em que moldes a casa será usada:
1) Intervenção artística que consistirá em forrar a fachada a papel ou tecido;
2) Esta intervenção estará integrada num conjunto de outras intervenções que apesar de terem características formais destintas e serem realizadas por diferentes autores, ocorrerão na mesma altura em cinco casas devolutas que se encontram na praça a cima referida;

O evento ocorrerá entre 17 e 19 de Abril de 2009 e comprometo-me a não danificar o espaço, bem como a remover todo o material usado na intervenção, deixando desta forma a casa intacta.

A aluna de MDI

_____

Marta Calejo

2ª contacto

Exma Dra. Branca Varela

Venho por este meio comunicar que me tinha sido dada a autorização por parte da Dra. Lina Baptista para intervir artisticamente na casa devoluta que pertence á Associação Sindical dos Juízes e que se encontra na Praça da República para os dias 24,25 e 26 de Abril de 2009. Lamentavelmente (por incompatibilidade de agenda com um dos agentes criativos) não nos foi possível cumprir os prazos previamente estipulados, assim sendo venho pedir que me conceda a autorização para os dias 8, 9 e 10 de Maio de 2009.

Como já foi explicado na carta anterior, as intervenções irão acontecer em várias casas em simultâneo na Praça acima referida sendo que estas em nada afectaram a integridade da habitação, assim sendo e para que melhor possa ilustrar o que relato a intervenção pensada para a habitação que vos pertence foi tão somente forrar a fachada da habitação com papel.

Atenciosamente,

_____

Marta Calejo

Resposta final da ASJP

From: branca-varela@hotmail.com
To: martacalejo@hotmail.com
Subject: intervenção artítistica na sede da ASJP - Norte
Date: Fri, 1 May 2009 19:33:27 +0100

Exma Srª Marta Calejo:

Com os melhores cumprimentos, acuso a recepção da carta que me dirigiu quanto à intervenção artística na sede da DR Norte da ASJP.
Aquando da entrada em funções da nova equipa da Direcção Regional Norte da ASJP, tomamos conhecimento da intervenção artística projectada e dos seus termos, que se nos afigura tratar-se de uma iniciativa meritória.

Não tendo sido possível a sua concretização nos dias inicialmente projectados, nada temos a objectar que tenha lugar nos dias sugeridos (8,9 e 10 de Maio) e nos termos que anteriormente haviam sido acordados.

*Caso necessite de me contactar, poderá fazê-lo para este mail ou para o telemóvel 9********.*

Peço-lhe o favor de acusar a recepção deste mail.

Renovando os meus cumprimentos, subscrevo-me

atentamente,
Branca Varela

---

intervenções realizadas em conjunto com a intervenção *O.U.N.U. 1200x540x2000*

A intervenção *O.U.N.U. 1200x540x2000* foi desenvolvida, como se referiu no capítulo 5 da dissertação, em parceria com a Marta Calejo, no âmbito do mestrado em Design de Imagem que estava a frequentar. O título da sua dissertação é "*Porto, Quem (Re)Desenha o Teu Âmago?*" e centra-se na reflexão sobre o abandono da cidade, pricipalmente em questões imobiliárias.

A proposta prática da Marta foi a intervenção sobre e dentro de algumas casas devolutas situadas na Praça da República, uma das praças centrais do Porto e que apresenta uma elevada percentagem de edifícios inutilizados.

Para tal, convidou alguns artistas para desenvolverem intervenções em duas casas, sendo que a terceira seria a Marta a desenvolver.

Assim, o edifício da Associação Sindical dos Juízes Portugueses, nº185 da Praça, ficou sob a alçada do projecto *O.U.N.U.,* enquanto que o segundo edifício, o nº138 da Praça da República, sofreu duas intervenções no seu interior. Uma da parte de Sérgio Couto e outra desenvolvida por Mariana Brandão e por Oto Hudec. A Marta desenvolveu uma intervenção utilizando luz e som sobre as casas nº26 e 29.

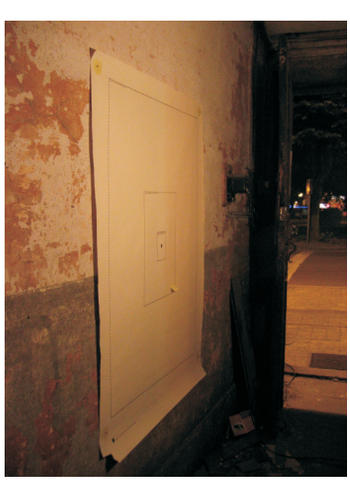


Fig.a) Intervenção de Sérgio Couto

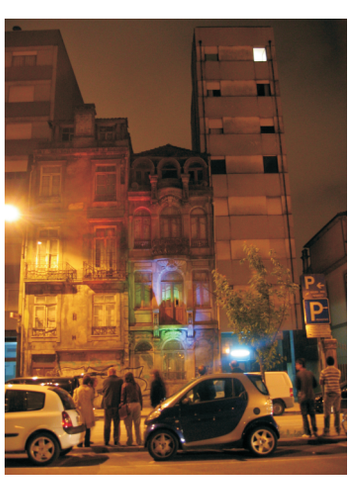


Fig.b) Intervenção de Marta Calejo intitulada *Zangam-se as Comadres*



Fig.c) Esboço de Oto Hudec para a intervenção realizada em co-autoria com Mariana Brandão e intitulada *O Céu é o Meu Telhado.*

anexo 5

excerto do livro “A Boa Forma da Cidade” de Kevin Lynch

Tendo-se considerado o capítulo 11, intitulado “Controlo”, do livro “A Boa Forma da Cidade” de Kevin Lynch (do qual se extraiu a citação apresentada nas páginas 36 e 37 do corpo principal da dissertação) como algo relevante e pertinente para o campo conceptual abordado, decidiu-se apresentar neste anexo a parte inicial desse capítulo.

Controlo

O espaço e o comportamento que lhe está associado têm de ser regulamentados. O homem é um animal territorial: utiliza o espaço para gerir os seus intercâmbios pessoais e reivindica direitos sobre o território para preservar os recursos. As pessoas exercitam estes controlos sobre pedaços de terra e também sobre os volumes que acompanham as próprias pessoas. No entanto, o nosso tema é o controlo de pedaços de terra. Os controlos espaciais têm fortes consequências psicológicas: sentimentos de ansiedade, satisfação, orgulho ou submissão. O estatuto social sustenta-se, ou pelo menos manifesta-se, através do domínio espacial. Um dos principais motivos para a guerra tem sido a luta por um local e os governos são unidades sustentadas pela terra. Estes são fenómenos penetrantes.

Vou abordar o controlo do espaço humano. A ratazana conhece outros territórios, através dos quais vagueiam os seres humanos como excêntricos perigosos. As propriedades humanas abrangem uma rede mais densa de propriedades dos animais. Esta complexidade pode vir a ser um dia um elemento importante na avaliação de um aglomerado populacional. Por enquanto ainda a ignoramos. Ainda assim, somos forçados a admitir que não somos donos da terra. A propriedade é uma convenção humana que distribui o actual controlo, suficiente para os objectivos humanos, por entre as pessoas existentes. Não é nem permanente nem total.

Estamos acostumados a uma forma particular de controlo do espaço: a propriedade legalmente definida de uma área bem delimitada, que inclui todos os direitos não explicitamente excluídos pela lei ou por um contrato, que é mantida “para sempre” e é completamente transferível. Parece-nos muito estranho o facto de outras culturas poderem ter noções diferentes. Além disso, mesmo entre nós, os controlos informais sobrepõem-se aos controlos legais.

O primeiro direito espacial é o direito de presença, o direito de estar num local, ao qual pode ser acrescentado o direito de excluir as outras pessoas (de facto, grande parte do nosso sentido de propriedade remonta agradavelmente aos prazeres de podermos expulsar os outros). Em circunstâncias normais, tenho o direito de estar em qualquer passeio público, mas não tenho o direito de impedir que outras pessoas estejam nesse mesmo local.

O segundo direito é o do uso e da acção, o direito de nos comportarmos livremente num local ou de usarmos as suas instalações sem nos apropriarmos delas. Este direito pode ser restringido por certos limites explícitos ou genericamente compreendidos, ou pode ser expandido por alguma espécie de poder, de maneira a limitar os actos dos outros. Posso regulamentar de modo relativo o comportamento nos passeios, tal como o meu próprio comportamento é regulamentado. Todos podemos andar e empurrar os nossos automóveis ao longo do pavimento, mas nenhum de nós pode ser demasiado barulhento ou violento, ou bloquear a passagem a outros.

O terceiro direito é o da apropriação. Quando a tenho, posso utilizar em meu benefício os recursos de um local ou utilizar as suas instalações de tal maneira que impeço que outros as utilizem. Se o desejar, posso espalhar cereais no passeio para os secar, ou cortar a relva à beira do passeio para a utilizar como alimento para os animais. Num grau maior ou menor, posso monopolizar os benefícios do local.

O quarto é o direito de modificação. Actualmente, posso mudar o local conforme considero adequado, ainda que permanentemente. Posso mesmo destruí-lo, ou evitar que outros o façam. Posso partir o pavimento para utilizar como entulho. Numa situação extrema, sou livre de fazer o que quero, independentemente das consequências externas. Posso partir o pavimento à noite com um martelo pneumático, mesmo que o barulho acorde os meus vizinhos, ou posso cobri-lo de minas terrestres. Estão-me impostas duas restrições: a proibição de incomodar as pessoas que não estão na minha propriedade e a proibição de provocar danos permanentes. Pode fazer-se o que se quiser com o caminho, desde que se faça em silêncio e desde que se tome em consideração que outras pessoas também quererão percorrer esse caminho no futuro.

O quinto é o direito da disposição. Posso oferecer os meus direitos sobre o caminho a quem bem entender. Nesse caso, o meu controlo é permanente e transferível, tal como o dinheiro.

Pensamos em tudo isto como aspectos de uma só coisa, a verdadeira propriedade. Mas estes direitos são separáveis e não inevitáveis. Em algumas culturas a terra pertence a quem a usa em determinada altura. Isto implica apenas os direitos de presença, utilização e apropriação, e estes direitos são extintos quando se abandona o uso activo. Outros controlos, como os direitos de transferência, de modificação ou de exclusão pertencem à tribo ou aos deuses. O controlo pode ser explícito e codificado, ou implícito, informal e mesmo ilegítimo, como no caso de um grupo de adolescentes que controla o seu território. Pode ser eficaz ou ineficaz, contínuo, temporário ou recorrente.

De que modo é que as variações no controlo afectam o que é bom num local? Uma dimensão primária é seguramente a congruência do uso e do controlo, ou seja, o grau em que os utilizadores e habitantes reais de um espaço o controlam efectivamente, em comparação com o grau ou permanência do seu investimento nesse local. Será que as famílias são proprietárias das suas casas? Será que os lojistas são proprietários das suas lojas? Será que os estudantes e os professores controlam as escolas e os trabalhadores o local de trabalho? A gestão de condomínios, as equipas de operários

LYNCH, Kevin, *A Boa Forma da Cidade*, Lisboa: Edições 70, 1999, pp.195, 197

tradução livre do autor das citações transcritas na língua original apresentadas no corpo principal da dissertação

Pág. 8

Jogar significa tomar posse da cidade física e social de maneiras inesperadas e criativas. Se, como Aldo van Eyck observou, "imaginação… é o primeiro detector da mudança", não podemos evitar notar o quão grande uma mudança é nos trabalhos (ZARDINI, 2008:16)

Pág.19

Esta peça documenta uma intervenção artística ao longo de uma rua em Ann Arbor. Ao pintar detalhes de azul, o trabalho chamou a atenção para eles. Uma simples medida tomada para ajudar as pessoas a notar o que as rodeia todos os dias.

(tradução da descrição do projecto "Blue Details", retirada de : <http://cca-actions.org/actions/blue-details>)

Pág.20

Apesar de subsequentemente ter ganho o *D&D Gold Award* para a melhor campanha publicitária em 2001, louvada como um marco na publicidade viral, esta campanha era na realidade formalmente e esteticamente tradicional. Era constituída por *posters*, de *layout* muito simples, que se assemelhavam a legendas de obras numa galeria de arte. O que fazia esses *posters* funcionar era que as "obras de arte" a que se referiam eram as superfícies nas quais estavam aplicados – pavimentos, corrimões, postes e paredes públicas.

Ao apresentar essas superfícies públicas como obras de arte, *Britart.com* conseguiu efectivamente duas coisas. Primeiro, reclamou a autenticidade para este discurso, ao demonstrar conhecimento dos espaços particulares que ocupava. Segundo, proclamava exactamento o oposto, que o autêntico não é possível, visto todos os territórios públicos estarem sujeitos a um processo automático de "museficação" instantânea. (ALVELOS, 2003:195)

TRADUÇÃO DE HEITOR ALVELOS

Pág.21

Na sua preocupação em encorajar frescas percepções das nossas cidades cansadas, Darius e Downey certamente partilham a missão Situacionista de reintroduzir possibilidades mais lúdicas e espontâneas no ambiente urbano. E, como os Situacionistas, o seu trabalho recompensa o olhar deambulado do transeunte casual, aquela rara figura com o vagar para interromper, nem que por um breve momento, os padrões do comportamento conhecido para olhar para além dos motivos previstos da iconografia urbana. Mas onde os Situacionistas sentiam maioritariamente desprezo e pena pelo pobre caminhante ou pelo motorista privilegiado, o trabalho de Darius e Downey reside em esperar por tentar apanhar o seu olhar.

(…) o acto de cruzar com o seu trabalho gera um momento privado inesperado num espaçopúblico – um momento secreto e partilhado com um criador anónimo que está a tentar comunicar, não para lhe tentar vender algo ou o impedir de fazer qualquer coisa, mas para lhe lembrar a si que a cidade lhe pertence, por muito pouco que isso se faça sentir. (TATCHER, 2007:215)

Pág.42

Reciclar é, na sua essência, a descoberta de um novo uso para algo que se pensava ser inútil. É também um estado de demonstração de criatividade. (TSUKAMOTO, 2008:126)

A "quantidade transformada em qualidade" de que estamos a falar não é reciclar no sentido de enviar materiais dispensáveis para uma fábrica para os fazer retornar a um estado cru para os transformar em novos produtos. Pelo contrário, é o acto de levar algo que já existe para uma diferente fase no seu ciclo de vida, sem mudar o seu estado físico, enquanto se chega a um outro estado de utilidade. (TSUKAMOTO, 2008:130)

Penso que o prazer do design reside em libertar objectos quotidianos da sua moldura convencional. (KAJIMA, 2008:126)

Pág.44

Negligência proclama que uma comunidade perdeu o seu orgulho e coesão. Quando o espaço exterior não é apelador e é até assustador, os residentes estão mais propícios a ficar trancados atrás de portas fechadas. (…) Enquanto estamos a encorajar a tomada de responsabilidade pelo nosso espaço privado, o espaço público é usualmente da responsabilidade de um administrador sem face, um corpo distante que benevolamente nos concede acesso por passar por lá (…)

Em última análise, o espaço público é negligenciado porque a maioria de nós passou a responsabilidade sobre ele para outro qualquer. (…) Na maioria das sociedades não se espera que os cidadãos cuidem do espaço público, pois para além de colocar o lixo nos caixotes, o resto é trabalho de outra pessoa qualquer. Mas é muito frequente que ninguém olhe por ele, quer seja propriedade de uma entidade privada ou pública. (REYNOLDS, 2008a:71)

Pág.45

Há serviços cívicos mais importantes para o estado financiar, e a negligência do espaço público torna-se aparente muito lentamente. A negligência é um inimigo pernicioso (a não ser que seja do seu gosto pessoal ou comunitário atacá-lo) e aqueles responsáveis por ele são difíceis de identificar. (REYNOLDS, 2008b:81)

A deterioração da sociedade contemporânea revela uma crise de significado acompanhada por um "declínio da habilidade individual-pessoal de fazer ou criar". O que é necessário é uma mudança da passividade que concedemos com o que nos é oferecido no quotidiano, para uma postura activa, não tanto de conquista, mas de busca. (ZARDINI, 2008:15)

Pág.57

Comecei a aperceber-me que conseguia fazer com que o ambiente ficasse muito mais expressivo ao manipular o que já existia no ambiente. As audiências urbanas respondiam muito melhor a uma manipulação ou intervenção sobre objectos que já estavam lá, como uma caixa de jornais ou uma placa de uma rua, em oposição ao adicionar de algo sem nenhum contexto particular, como um tag ou uma pintura de graffiti. (entrevista com Leon Reid IV , 2008)

Pág.59

(…) Milhares de acções infiltraram-se nos interstícios do mundo urbano. Práticas que tiveram breves aparências nas cidades dos anos 60 e 70 estão agora a retornar à superfície, após terem caído numa obsolescência temporária. Como um rio subterrâneo, continuam a fluir e a reemergir sob novas formas e em locais inesperados (…) Elas revelam a existência de um mundo rico em inventividade e imaginação, alienado aos modos contemporâneos de consumo. Essas acções propõem estilos de vida alternativos, reinventam as nossas vidas diárias, e reocupam o espaço urbano com novos usos. (ZARDINI, 2008:15,16)

Qualquer pessoa pode tomar parte em propor uma nova interpretação do estilo de vida urbano actual. Propostas de baixo para cima e ideias que contribuem para a definição de uma nova forma de reflectir sobre muitos aspectos das nossas vidas são exploradas, frequentemente na primeira pessoa. O que nos interessa é que oferecem uma pluralidade de respostas que seriam impossíveis se fossem formuladas ao contrário, de cima para baixo. (BORASI, 2008:21)

anexo digital

vídeos documentais de intervenções
realizadas no 1º e 2º ano do mestrado

